

ETNOENTOMOLOGÍA BANIWA

Sunny Petiza¹, Neusa Hamada²,
Ana Carla Bruno³ & Eraldo M. Costa Neto⁴

¹ Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Pós-Graduação em Entomologia, Caixa Postal 478, 69011-970, Manaus, Amazonas, Brasil – sunnybio@gmail.com

² Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Coordenação de Pesquisas em Entomologia (CPEN), Caixa Postal 478, 69011-970, Manaus, Amazonas, Brasil – nhamada@inpa.gov.br

³ Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Núcleo de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, Manaus, Amazonas, Brasil – abruno@inpa.gov.br

⁴ Departamento de Biologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Av. Transnordestina, s/n, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil – eraldont@hotmail.com

Resumen: Se recoge el conocimiento etnoentomológico de los indios baniwa residentes en la ciudad de São Gabriel da Cachoeira, en el noroeste del estado de Amazonas, Brasil. Se obtuvieron datos, mediante diversas técnicas etnográficas, a partir de 46 sujetos de ambos sexos con edades que oscilaban entre 29 y 98 años. Los entrevistados tienen un conocimiento bien organizado de la biología, ecología y etología de los insectos, y ese acervo cultural tiene valor práctico en el funcionamiento de la sociedad baniwa, puesto que los insectos se usan como alimento, medicina, diversión y como cebo para la pesca. Varios insectos son objeto de creencias populares y se consideran asociados a enfermedades. Muchos de estos conocimientos de los baniwa tienen relación con la entomología académica, pero hay creencias que sólo se ven explicadas en la ciencia de los baniwa a través de relatos mitológicos y en el contexto del conjunto de conocimientos de este pueblo.

Palabras clave: Etnoentomología, sociedad indígena, cultura, Amazonia, Brasil.

Baniwa ethnoentomology

Abstract: This study records the ethnoentomological knowledge of the Baniwa Indians living in the city of São Gabriel da Cachoeira, in the northwestern portion of the state of Amazonas, Brazil. Data were obtained by means of different ethnographic techniques performed with 46 adult participants of both sexes whose ages ranged from 29 to 98 years old. The participants have a well organised knowledge of insect biology, ecology and ethology. Such skills have a utilitarian value in guiding Baniwa society, since insects are used as food, medicine, entertainment, and as fishing bait. Several insects are the subject of folk beliefs and are associated with diseases. Much of this Baniwa knowledge is related to academic entomology, but there are other beliefs that only have explanations in Baniwa science through mythological stories and within the context of the Baniwas' knowledge taken as a whole.

Key words: Ethnoentomology, indigenous society, culture, Amazon basin, Brazil.

Introdução

Estudos etnoentomológicos demonstram que insetos e artrópodes correlatos possuem diferentes significados e usos em diversas sociedades (Cherry, 2006; Costa-Neto, 2003, 2004a; Dufour, 1987; Posey, 1981, 1983; Rodrigues, 2005; Campbell & Ibáñez-Bernal, 2006; Teixeira *et al.*, 2008; Alencar *et al.*, 2012). Na América tropical, esses animais estão presentes na vida e na cultura material dos povos nativos. No Brasil, Posey (1979) inaugurou os estudos de etnoentomologia pesquisando o conhecimento entomológico dos Kayapó no Estado do Pará.

A Etnoentomologia é um ramo da etnociência que busca compreender a maneira como diversas culturas percebem, identificam, classificam, nomeiam, utilizam e conhecem o que entendem por “inseto” em suas línguas. Para este estudo foi adotado o termo Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) para se referir aos conhecimentos tradicionais dos povos Baniwa e Coripaco relacionados aos Insecta. Apesar de haver diferenças linguísticas entre estes dois povos, há uma autodenominação para ambos: *Medzeniakonai* (Lores, 2006). Para este trabalho estamos adotando o termo Baniwa para designar a todos os *Medzeniakonai* e também a ortografia do idioma Baniwa-Kurripako de Ramirez (2001). Granadillo (2006) mostra que há variações ortográficas para a mesma palavra Coripaco ou Kurripako.

Cunha (2009) defende que os saberes tradicionais e científicos são unidades em si mesmas comparáveis e com algum grau de semelhança, como obras abertas e inacabadas, se fazendo constantemente, procurando entender e agir sobre o mundo. A autora afirma ainda que há tantos regimes de conhecimento tradicional quanto existem povos e que para cada conhecimento há seus processos de investigação, protocolos e modos de fazer: *Enquanto existe por hipótese um regime único para o conhecimento científico, há uma legião de regimes de saberes tradicionais* (Cunha, 2009: 302). Portanto, considerando que cada sociedade humana possui uma forma própria de perceber, conhecer, caracterizar, nomear e classificar a diversidade biológica, pode-se imaginar que o saber etnoentomológico da região amazônica configure-se tão rico e diverso quanto o é sua diversidade entomológica, cultural e linguística.

O presente estudo objetiva registrar os conhecimentos etnobiológicos e etnoecológicos acerca dos Insecta na concepção dos povos Baniwa que vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira, a noroeste do Estado do Amazonas, Brasil. Contribuir para o ensino-aprendizagem nas escolas Baniwa e Coripaco.

Os Baniwa

Os Baniwa se autodenominam *Walimanai* (humanidade que povoa o mundo) ou *Medzeniakonai*, referindo-se aos povos das etnias Baniwa e Coripaco. Estes povos vivem em tríplice fronteira – Brasil, Venezuela e Colômbia, totalizando cerca de 12 mil pessoas. Falam o idioma Baniwa-Coripaco, pertencente à família linguística Aruak (Ramirez, 2001). Organizam-se em clãs, grupos de parentes, onde cada clã possui uma história de origem e os nomes se referem a animais ou estrelas, como, por exemplo: *Hohodene* (filhos do inambu), *Dzawinai* (filhos da onça), *Adzáneeni* (filhos do tatu-canastra), *Máoliene* (filhos da caba) e *Walipere-dakenai* (netos das plêiades).

São povos ribeirinhos sedentários que habitam a região do Alto Rio Negro, uma região geográfica e cultural onde coabitam outros povos indígenas que compartilham características comuns em seus modos de socializar recursos naturais. Apesar de suas terras tradicionais estarem localizadas por toda bacia do Içana e de seus afluentes, atualmente muitos estão vivendo em cidades, como Manaus, Barcelos, Santa Isabel do Rio Negro e São Gabriel da Cachoeira (Ricardo, 2001).

Os Baniwa vivem essencialmente do cultivo da mandioca amarga (*Manihot sculenta* Cranz), pelo sistema de coivara e da pesca, complementada pela caça e coleta de frutos e insetos (Garnelo & Buchillet, 2006). A arte da cestaria Baniwa é parte de uma tradição de trançados bastante antiga que conecta os Baniwa do noroeste amazônico aos seus ambientes natural e espiritual (Wright, 2009). Apesar de sua religião tradicional ser o xamanismo, atualmente os Baniwa encontram-se divididos em comunidades católicas e evangélicas, o que acaba gerando conflitos de interesses entre as lideranças e famílias Baniwa em relação a projetos de desenvolvimento sustentáveis que são implantados mediante auxílio de ONGs e associações locais indígenas (Wright, 1992, 2009).

Garnelo (2007) cita que a rica tradição mítica tem influência sobre a expressão das dimensões políticas, éticas e práticas da vida social Baniwa, além de orientar os conhecimentos ancestrais que garantem a sobrevivência do grupo em condições ambientais adversas. Os Baniwa estão buscando uma forma de lutar pela sobrevivência por meios que contribuam para a construção de uma nova identidade e de uma organização social modificada, para melhor se adaptarem às novas condições históricas (Weigel, 2003).

Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, os Baniwa vivem basicamente da venda de produtos artesanais, da produção de farinha e derivados da mandioca (para os comerciantes locais), pimentas *jiquitaia* (de várias cores e níveis de ardência) e da agricultura de corte-queima, onde conseguem legumes e frutas da época (para venda na feira municipal).

Os Baniwa que moram na parte central da cidade vivem nos bairros Dabarú, Areal, Boa Esperança, Graciliano Gonçalves, Padre Cícero e Miguel Quirino. Fora de suas terras de origem, também vivenciam o atual contexto etnopolítico que se encontra a cidade de São Gabriel, onde eles tentam retomar de forma organizada o processo de ensino-aprendizagem dos antigos conhecimentos sobre a natureza, além de desenvolver meios de preservação das fontes pesqueiras ameaçadas e renovar o interesse pelas relações cosmológicas que regem sua existência (Garnelo, 2007).

É importante ressaltar que a partir da década de 1980, com o fechamento dos internatos nos povoados do interior do

município, a cidade de São Gabriel tornou-se destino quase que obrigatório para as famílias indígenas com crianças que precisavam de escolas de ensino médio, uma vez que apenas o ensino fundamental é assegurado nestes povoados. Portanto, o fator escolar acaba se sobrepondo a outros e levando o deslocamento de famílias da floresta para a cidade (Eloy, 2005; Emperaire & Eloy, 2008). Ainda, segundo estas autoras, as famílias se instalam em novos loteamentos em casas minúsculas na cidade ou constroem uma complementariedade entre o sítio ou a comunidade de procedência e uma residência na cidade, de acordo com o calendário escolar.

Os Baniwa sempre deram muito valor à educação, haja vista a eficácia do método de ensino-aprendizagem da língua Baniwa via ensinamentos bíblicos da missionária norte-americana Sophia Müller. Atualmente, encontra-se em pleno funcionamento uma rede de escolas Baniwa-Coripaco (Escola Indígena Baniwa e Coripaco - EIBC *Pamáali*) na região do Içana, onde o processo de ensino-aprendizagem se dá de forma intercultural (Baniwa e português) e via pesquisa, conhecimentos tradicionais associados às novas tecnologias e aos saberes não-indígenas, como técnicas de piscicultura, meliponicultura e manejo agroflorestal.

Porém, apesar de possuírem uma proposta pedagógica bastante inovadora, atualmente suas escolas sofrem com a falta de material didático específico para os alunos. E é a partir daí que surge a necessidade e a importância deste estudo em uma das áreas da Etnobiologia (Etnoentomologia), para que além do ato de fazer ciência, também se possa criar meios para o desenvolvimento da qualidade do ensino nas escolas indígenas.

Portanto, nosso objetivo geral neste trabalho foi investigar o conhecimento entomológico Baniwa (CEB) no contexto urbano da cidade de São Gabriel da Cachoeira, registrando-se o significado da palavra “inseto” na concepção Baniwa, a existência de uma etnotaxonomia Baniwa sobre os artrópodes da classe Insecta, bem como identificar as formas de ensino-aprendizagem do CEB.

Metodologia

Descrição da área de estudo

O local da pesquisa foi a área urbano-rural da cidade de São Gabriel da Cachoeira, localizada no município de São Gabriel da Cachoeira, extremo noroeste do Estado do Amazonas. Este município é habitado por mais de 20 povos indígenas que somam mais de 90% dos 37,5 mil habitantes (IBDS, DSEI/FOIRN 2005 in Lei Municipal n.º. 209, 2006).

Os dados foram coletados em três comunidades rurais localizadas na cidade de São Gabriel da Cachoeira na estrada de Camanaus: Vila Amazonino (km 9, 0°8'55,5"S/ 67°0'52,6"O), Itacoatiara-Mirim (km 10, 0°9'13,7"S/ 67°0'16,1"O) e Areal (Km 19, 0°9'2"S/ 66°57'7"O). Estas comunidades possuem em média 15-20 anos de fundação, começaram por famílias recém-chegadas de sítios (são unidades de residências isoladas, compostas por uma ou duas casas ocupadas pelos membros de uma mesma família) e comunidades localizadas ao longo da bacia do rio Içana que foram se instalando e formando novas famílias (Emperaire & Eloy, 2008).

Coleta de dados

Ao todo, participaram do estudo 46 indivíduos das etnias Baniwa e Coripaco com idades entre 29 a 99 anos. Deste total, quase 50% é composto por mulheres, o que é relati-

Fig. 1. Registro do conhecimento entomológico Baniwa (CEB). Foto: Aurino Brazão Baniwa.

vamente difícil de conseguir em pesquisas deste tipo, pois além do comportamento mais arredo das mulheres, estas passam a maior parte do tempo trabalhando em suas roças e casas de farinha. Na área central da cidade, 18 pessoas da etnia Baniwa participaram da pesquisa como fontes-chave, pelo fato de poderem expressar melhor seus conhecimentos tradicionais na língua portuguesa e/ou por já terem participado de outros projetos de pesquisa sobre sua cultura.

Quanto à escolaridade dos participantes, 28 eram pelo menos alfabetizados e 18 não sabiam ler nem escrever, ou estavam começando a aprender em programas de incentivo à educação do governo estadual.

A coleta de dados foi feita mediante observação participante e de formulários de entrevistas livre, semiestruturada e estruturada. As entrevistas estruturadas foram acompanhadas de imagens de insetos da Amazônia Central para que se pudesse associar os nomes Baniwa aos nomes científicos (nos níveis de ordem e família, principalmente). Todas as entrevistas foram gravadas em áudio digital por meio de um gravador de voz.

Foram levantados dois conjuntos de dados, um referente à trajetória de vida dos participantes e outro voltado mais especificamente para o conhecimento entomológico Baniwa (CEB), de forma que se pudesse compreender de forma mais profunda o processo de construção e vivência deste conhecimento no contexto urbano da cidade de São Gabriel.

A pesquisa foi composta por quatro fases. Na primeira fase foram elaborados cartões visuais contendo imagens de insetos representantes das 30 principais ordens de Insecta que ocorrem na Amazônia: Archaeognatha, Collembola, Zygentoma, Ephemeroptera, Odonata, Orthoptera, Phasmida, Dermaptera, Isoptera, Blattodea, Mantodea, Zoraptera, Plecoptera, Embioptera, Thysanoptera, Heteroptera, Auchenorrhyncha, Sternorrhyncha, Psocoptera, Phthiraptera, Coleoptera, Strepsiptera, Neuroptera, Megaloptera, Hymenoptera, Trichoptera, Lepidoptera, Mecoptera, Siphonaptera e Diptera. As imagens foram obtidas em ambiente natural ou no laboratório por meio de uma máquina fotográfica digital (Nikon D80), microscópio estereoscópio com máquina fotográfica digital acoplada e as imagens trabalhadas em Photoshop CS2, Combine Z e Leica. Todos os exemplares fotografados foram coletados em áreas interfluviais da bacia do rio Negro e encontram-se depositados na Coleção de Invertebrados do INPA. A montagem dos cartões foi feita em programa gráfico *Corel Draw* (versão 13) e impressa em papel A4 com plastificação simples.

Cada cartão possui 10 cm de comprimento e 6,5 cm de largura. A frente do cartão contém a imagem do inseto, seguida por uma numeração e a escala correspondente ao tamanho do espécime fotografado. O verso contém o nome científico referente à ordem do inseto e as seguintes perguntas: 1. Qual o nome? 2. Pertence a algum grupo? 3. Existe em quais formas? 4. Como é? 5. Onde vive? 6. O que come? 7. O que faz? 8. Tem história?



Na segunda fase foi feito um reconhecimento da área de estudo, visitando-se as comunidades e realizando conversas informais. Em seguida, o projeto foi apresentado às comunidades e enquetes sócio culturais (primeiro formulário de entrevista) foram realizadas com os comunitários que demonstraram interesse em participar da pesquisa. Esta primeira entrevista teve o objetivo de conhecer melhor os sujeitos sociais da pesquisa, investigando os dados de origem e parentesco (clã, comunidades provenientes, origem dos pais) e para obter conhecimentos preliminares sobre insetos e sua forma de aprendizagem.

A terceira fase consistiu em coletar informações sobre o conhecimento entomológico Baniwa (CEB) geral e seu processo de ensino-aprendizagem por meio de entrevista semiestruturada (segundo formulário), utilizando os 30 cartões visuais de forma individual ou em grupo com os participantes em seus ambientes domiciliares ou no centro comunitário (Figura 1). As conversas informais e a técnica da observação participante nas atividades rotineiras das famílias foram essenciais para a obtenção de dados êmicos e registro de histórias e crenças associadas às mitologias Baniwa. Os dados foram obtidos com ênfase em três aspectos referentes ao CEB: processo de ensino-aprendizagem, aspectos gerais (identificação, classificação e nomenclatura de insetos) e específicos (importância econômica e ecológica).

Na quarta e última fase, investigamos o CEB específico com entrevista estruturada (terceiro formulário) composta por perguntas do tipo aberta e dicotômica sobre insetos relacionados às suas atividades cotidianas (caça, agricultura, pesca e coleta de arumã). Importante salientar que durante todas as entrevistas, os questionamentos foram feitos da maneira menos formal possível, estabelecendo bate-papos entre pesquisador, participantes e tradutor, nas línguas Baniwa e português. Os formulários foram utilizados apenas como guias para não perder o foco das entrevistas.

Todos os registros gravados (áudio, vídeo e imagem) possuem cópias de segurança que estão de posse dos pesquisadores responsáveis por esta pesquisa. Para a realização das gravações contamos com ajuda de vários tradutores Baniwa, pessoas das próprias comunidades, geralmente um membro mais jovem da família ou estudante interessado nas atividades da pesquisa.

A escolha das comunidades se deu pelas indicações do vice-prefeito da cidade e do presidente da Organização Indígena da Bacia do Içana - OIBI, ambos fontes-chave participantes deste estudo. Segundo eles, as comunidades Areal, Itacoatiara-Mirim e Vila Amazonino são as que possuem o maior número de pessoas das etnias Baniwa e Coripaco concentradas na cidade. Nessas comunidades, os dados não foram simplesmente coletados, mas foram construídos em coautoria pela pesquisadora e pelos participantes.

Análise dos dados

Para as análises desta pesquisa foram utilizados alguns pressupostos teóricos da Antropologia, da Linguística e da Etnobiologia para compreender a Etnoentomologia Baniwa: aspectos cognitivos, classificatórios, etnotaxonômicos e perspectivas, bem como as abordagens eticista e emicista da pesquisa etnociência (Sturtevant, 1964; Harris, 1976; Levi-Strauss, 1989; Berlin, 1992; Cunningham, 1996).

A contribuição do conceito perspectivista atribuído por Eduardo Viveiros de Castro (1996, 2002), em que tanto humanos quanto animais são vistos como seres dotados de intencionalidade e volição, contribuiu significativamente para a compreensão das categorias analíticas com as quais examinamos os dados registrados sobre a etnotaxonomia dos insetos reconhecidos pelos Baniwa.

Procuramos não utilizar categorias pré-concebidas por outros estudos em etnobiologia/etnoentomologia, pois estes poderiam limitar o processo de coleta e construção dos dados em campo. Portanto, as categorias aqui criadas para os formulários e análise de dados foram retiradas de estudos iniciais sobre a cultura, língua e cosmogonia Baniwa, pela leitura prévia das narrativas mitológicas (Cornelio, 1999) e estudos antropológicos (Wright, 1996; Garnelo & Buchillet, 2006; Garnelo, 2007). O tratamento dos dados foi realizado sob as formas quantitativa e qualitativa, com dados amostrados por meio de gráficos simples construídos em Excel 2010.

Resultados

No léxico Português-Baniwa, encontrado ao final do dicionário de Ramirez (2001), a palavra inseto é traduzida por *tsirító*, que significa “um tipo de inseto encontrado nos ingazeiros”. Neste dicionário, a maioria das palavras referentes a inseto ou a outros animais pode ser acompanhada de prefixos pessoais, como (-no) para indicar o possessivo na primeira pessoa do singular, e de sufixos dependentizadores, como (-ni, -le ou -te). Assim, podem ser encontradas as seguintes palavras: *notsiirítole* ou *notsiirítoti*, indicando “o meu inseto”.

Foram registrados 280 nomes diferentes de insetos pertencentes a 18 ordens da classe Insecta e classificados em 17 categorias Baniwa de classificação geral para os seres vivos. O maior número de insetos registrado pertence à ordem Hymenoptera. Na cultura Baniwa não há uma palavra para agrupar todos os tipos de insetos (Insecta), todos os tipos de abelhas, vespas e formigas (Hymenoptera) ou todos os tipos de besouros (Coleoptera) na língua Baniwa. No entanto, cada grupo possui uma denominação e, geralmente, está agrupado dentro de alguma das seguintes etnocategorias: *Hitsiakapé* (rastejam), *Iarakapé* (voam), *Yokukapé* (ferram), *Inhuãkapé* (mordem), *Irakapé* (picam e chupam sangue), *Yoópinai* (causam doenças), *Maokukapé* (não ferram), *Paihanipé* (comestíveis), *Makadawanai* (não servem para comer), *Paitselitaxw-*

pakophé (iscas de pesca), *Kinikipira* (pragas de roça), *Panttipira* (pragas de casa).

Existem insetos considerados *Awakaróna* (espírito da floresta/curupira) da classe dos *Awakarónanai* (curupiras em geral). Segundo Garnelo *et al.* (2005), “Estes surgem nos relatos em forma de pessoas que alternam relações de aliança e de hostilidade com *Niãpirikoli* e outros proto-humanos, gerando alguma forma de benefício ou prejuízo, que influenciará na vida futura dos *Walimanai*, quer dizer, nós, os atuais viventes”.

Os insetos também podem ser classificados de acordo com as classes de *Yoópinai*, juntamente com outros animais (cobras, lagartos, sapos, etc.), a saber:

1. *Awakadalikaperi* (que anda no mato) - *aapi* (cobra), *dzaré* (escorpião), *máneé* (tocandira), *ame* (formiga-de-fogo), *atápa* e *ámali* (formigas), *apihiwidakoro* (Corydalidae: Megaloptera); *Kawalerikaperi* (que anda no vento) - *makálo* (borboleta), *héeri* (mutuca), *ainliúzo* (mosquito).

2. *Õonirikoperi* (que anda na água) - *ñewi* (aranha-d'água, Heteroptera).

Foram encontradas sete correspondências de nomes Baniwa para as seguintes ordens de insetos: *Kethepialinai* (Ephemeroptera), *Ñepolinai* (Odonata e Neuroptera), *Keétonai* (Isoptera), *Polétanai* (Blattodea), *Philiphilinaí* (Mantodea), *Ttowidanai* (Phthiraptera) e *Makálonai* (Lepidoptera).

Para as outras ordens mais abrangentes foram encontrados mais de um nome, alguns correspondentes aos nomes de famílias: Orthoptera (*Tsialinai*, *Tsakáranai* – Acrididae; *Dsiirononai* – Tettigonidae; *Dápharonai* – Gryllotalpidae), Auchenorrhyncha (*Tsiríttonai* – Membracidae; *Tsiúdanai* – Cicadidae e Cicadellidae), Coleoptera (*Déetonai* – Curculionidae; *Tsietsiépaaro* – Passalidae; *Ixidáa* e *Katsowádanai* – Scarabaeidae), Hymenoptera (*Mápanai* – Apidae; *Aininai* – Vespidae) e Diptera (*Dóolonai* – Muscidae; *Héerinai* – Tabanidae; *Máapiirinai* – Simuliidae).

Diversos insetos são classificados como *Yoópinai*, ou seja, como espíritos maléficos da mata, da água e do ar, donos dos rios, dos animais e das florestas, responsáveis por dores repentinas e ataques aos humanos, causando-lhes diversos tipos de doenças (Ramirez, 2001; Garnelo, 2003). Investigando alguns relatos míticos, verificamos que os *Yoópinai*, “que perderam sua condição humana por terem transgredido as regras de aprendizado xamânico, acabaram enlouquecendo [...] e foram transformados em insetos, peixes, répteis e outros seres da natureza” (Garnelo & Buchillet, 2006). Importante também salientar que: *Nas ontologias ameríndias, a intencionalidade e a consciência reflexiva não são atributos exclusivos da humanidade, mas, potencialmente, de todos os seres do cosmos. Em outras palavras, animais, vegetais, deuses e monstros podem também ser “pessoas” e ocupar a posição de sujeito na relação com os seres humanos* (Fausto, 2002).

Nos saberes ameríndios, a subjetividade não está restrita aos humanos, mas a todo e qualquer tipo de ser (para isso, basta existir). Até mesmo uma pedra, para os Baniwa, por exemplo, é dotada de sentimentos e possui um nome próprio. No caso dos seres *Yoópinai*, mesmo estes perdendo sua forma humana e adquirindo configuração animal, não perderam sua essência humana, ou seja, não deixaram de ter intencionalidades e consciência reflexiva, a qual, pela filosofia ocidental, é atribuída somente aos humanos. Porém, na filosofia ameríndia se conhece mais pelo viés da subjetivação, enquanto para a ciência ocidental quanto mais se dessubjetivar e objetivar os

seres em questão, melhor se conhece sua estrutura e funcionamento (Viveiros de Castro, 2006).

As estruturas morfológicas dos insetos também recebem nomes específicos na língua Baniwa, como no exemplo abaixo que retrata os nomes atribuídos às partes da formiga tocandira *Paraponera clavata* (Figura 2, Quadro 1). Muitos dos nomes correspondem a partes do corpo humano, como verificado em Ballester (2006) com os Kaiabi no Xingu. Porém, alguns nomes são utilizados especificamente para a morfologia do inseto (ver Quadro 1: 2-4).

Os Baniwa reconhecem aspectos ecológicos, morfológicos, etológicos, diferentes fases de desenvolvimento biológico, reprodução, padrões de sazonalidade, habitat e relações de parentesco entre os insetos. Os insetos reconhecidos pelos Baniwa são apresentados a seguir pelos nomes das ordens às quais pertencem. Algumas ordens foram reunidas, pois foram coletados poucos nomes associados às mesmas.

• ZYGENTOMA, PHASMIDA, DERMAPTERA, PLECOPTERA, MANTODEA, PHTHIRAPTERA, MEGALOPTERA, SIPHONAPTERA E EPHEMEROPTERA

O conhecimento Baniwa sobre estes grupos de Insecta pode ser visto no Quadro 2, que reúne informações acerca dos seguintes aspectos: hábito de forrageio, habitat e interação ecológica entre a traça (*Zygentoma*) e as penas de arara (Aves, Psittacidae); padrão de sazonalidade dos Ephemeroptera e seu nicho ecológico; microhabitat e distribuição de Dermaptera em igapós do alto rio Negro; habitat de Phasmida; microhabitat, padrão de sazonalidade e hábito de forrageio de Mantodea; fase de desenvolvimento e tipos de piolhos (Phthiraptera) que ocorrem em cachorro, tucano e galinha; microhabitats específicos de adultos de Megaloptera (*Corydalidae*); tipos de Siphonaptera, como o bicho-de-pé e pulgas de cachorro e de paca; locais de ocorrência das ninfas de Plecoptera.

Piolhos, pulgas e bichos-pau são concebidos linguisticamente como formas achatadas e pertencentes ao gênero masculino através do classificador numérico *-iita* (ex.: *apaíta ttowida* - um piolho). Porém, um tipo de pulga (*kawánhero*) é classificado como arredondado, sendo seu classificador numérico diferente (*-da*). Louva-deus é aprendido como uma forma alongada (*-aápa*).

Insetos que se parecem com gravetos (Phasmida, Mantodea – Thespiidae, Heteroptera – Nepidae e Orthoptera – Proscopiidae) são conhecidos entre os Baniwa por: *hémaa* (anta), *yoopinai* (doença), *hémaa yoópinai* (doença de anta), *hémaaimókawani* (espingarda de anta) e *iñaimitterolépi* (tipiti do diabo). A aparência de graveto, caráter morfológico que reúne estes grupos de insetos, acaba por estabelecer uma relação de parentesco entre eles, reconhecida pelos Baniwa como “parentes” ou “primos”. Estas associações provavelmente devem ter explicações mitológicas. *Yoópinai* são espíritos maléficos que vivem na terra e na mata, são responsáveis por dores repentinas chamadas de *maiwa*; já o *tipiti* é um cesto cilíndrico no qual se põe a mandioca que se vai espremer para retirar o veneno, a manicuera (Ramirez, 2001).

De acordo com o conhecimento entomológico Baniwa, sobre estes Insecta temos as seguintes hipóteses a serem confirmadas pela ciência: os louva-deus cantam ou possuem alguma forma de estridulação? Que espécies de pulgas podem ocorrer em pacas (mamíferos da família Cuniculidae) e de que forma ocorre esse ectoparasitismo?

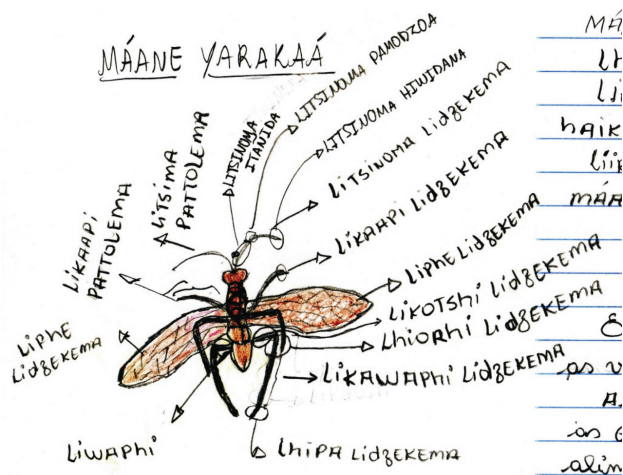


Fig. 2. Estruturas morfológicas de uma formiga tocandira (*máane yarakáá*). Desenho: P1.

Quadro 1. Nomes relacionados à morfologia externa de uma tocandira (*máane yarakáá*) reconhecidos pelos participantes.

Nº	Baniwa	Português	Fonte
Antena			
1	<i>litsima pattolema/ litsinoma lidzekema</i>	antena	P1
2	<i>litsinoma hiwidana</i>	flagelo	
3	<i>litsinoma pamodzoa</i>	pedicelo	
4	<i>litsinoma itañida</i>	escapo	
Pernas			
5	<i>likaapi pattolema</i>	perna anterior	P1
6	<i>likaapi lidzekema</i>	perna posterior	
7	<i>likotshi lidzekema</i>	coxa	
8	<i>lhiorhi lidzekema</i>	fêmur	
9	<i>likawaphi lidzekema</i>	tíbia	
10	<i>lipha lidzekema</i>	tarso	
Outras estruturas			
11	<i>Liwaphi</i>	corpo do inseto	H1 e P1
12	<i>liphe lidzekema</i>	asa	

• ODONATA E NEUROPTERA

A semelhança morfológica entre Odonata e Neuroptera fez com que os participantes da pesquisa reunissem estes dois taxa em um único grupo chamado *Ñepoli*.

Para a entomologia acadêmica, Odonata e Neuroptera não têm nada em comum, a começar pelo tamanho das antenas, sendo que Neuroptera possui antenas longas e pertence à infraclasse Neoptera; já Odonata pertence ao grupo Paleoptera e possui antenas bem menores. O grupo-irmão de Neuroptera é Megaloptera, por meio de sinapomorfias de base principalmente morfológica (Aspöck *et al.*, 2001).

As libélulas são apreendidas linguisticamente pelos Baniwa como formas achatadas e pertencentes ao gênero masculino através do classificador numérico *-iita* (ex.: *apaíta ñepoli* - uma libélula). O conhecimento dos Baniwa sobre Odonata e Neuroptera pode ser conferido no Quadro 3.

São conhecidos como *Ñepolinai* (libélulas em geral), onde os adultos foram classificados em três categorias: *Iarakapé* (voam), *Maokukapé* (não ferram) e *Yoopinai* (podem trazer doença). A explicação para esta última classificação é a de que estes insetos, apesar de não ferrarem, podem, em determinadas circunstâncias, “flechar doenças” aos humanos, quando estes fazem uma incursão pelo mato. O mesmo ocorre com as ninfas aquáticas, classificadas como *Öonirikoperi* (*Yoopinai* que anda na água), porque se forem pisadas em ambiente aquático também podem flechar doenças aos seres humanos, principalmente para as mulheres.

Quadro 2. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Zygentoma, Ephemeroptera, Phasmida, Dermaptera, Mantodea, Phthiraptera, Megaloptera, Siphonaptera e Plecoptera.

Nº	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
1	* <i>inhakáita áadaroite</i>	Traça	Zygentoma	O nome significa "aquele que come pena de rabo de arara vermelha", mas essa traça pode ser encontrada no fundo de baldes com roupas ou papéis, se alimenta disso.	<i>Pantipira</i> (pragas de casa)
2	* <i>kettipiáli/ kettepiito</i>	"Que tem cauda"	Ephemeroptera	Encontrado na praia. Vive na superfície d'água. Voa mais na época de março-abril. Quando cai na água serve de comida para peixe e a gente aproveita para pescar também.	<i>Óonirikoperi</i> (Yoopinai que anda na água)/ <i>Paitselitaxw-pakophé</i> (isca para pescar)
3	* <i>hémaa/ yoopinai/ hémaa yoópinai/ hémaaimókawani</i>	Bicho-pau/ majuba (doença) de anta/ Espingarda-de-anta	Phasmida/ Heteroptera: Nepidae	É perigoso, é parente de <i>Philiphili</i> e pode viver na folha do mato ou na água.	<i>Maokukapé</i> (não ferram)/ <i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
4	* <i>ĩnaimitterolépi</i>	Tipiti do diabo	Phasmida/ Mantodea: Thespidae	Vive entre folhas e galhos no mato.	
5	* <i>arotamápiri</i>	-	Dermaptera	Vive debaixo de folha e pau podre. Também pode viver em plantas que vivem sobre as árvores no igapó.	<i>Yokukapé</i> (ferram)
6	<i>páale¹</i>			Um tipo de louva-a-deus verde.	
7	* <i>phiphili</i> ou <i>phili</i> (Baniwa) ou <i>thalithali</i> (Coripaco)	Louva-deus	Mantodea: Mantidae, Hymenopodidae, Acanthopidae e Vatiidae	É tipo um pajé (vovô), as crianças brincam de perguntar a ele se os pais vão trazer muita ou pouca caça, peixe ou mandioca. Pode viver na beira do rio, em galhos de mandioca ou dentro do buraco de árvores. Aparece nas folhas durante o inverno (maio-jul). Canta de madrugada. Alimenta-se de folhas novas e mutucas. <i>Philiphilieni</i> - seus folhotes.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Maokukapé</i> (não ferram)
8	<i>ttowida/ tuwida²</i>	Piolho		Ovo - <i>ttowidéewhel malipa</i> : certa fase de desenvolvimento do piolho, quando ainda está pequeno.	
9	<i>kaláka-ittoidani¹</i>	Piolho-de-galinha	Phthiraptera	Vive nas penas da galinha.	<i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)/ <i>Irakapé</i> (chupam sangue)
10	<i>dzáatte-ittoidani¹</i>	Piolho-de-tucano		Vive nas penas do tucano.	
11	* <i>tsiino-ittoidani</i>	Piolho-de-cachorro	Phthiraptera: Trichodectidae	Um tipo de piolho encontrado no cachorro.	
12	* <i>áapihiwidakoro</i>	Cabeça-de-cobra	Megaloptera: Corydalidae	A gente tem medo dele, pois morde igual jararaca e tem veneno. Fica na beira do igarapé ou de rios, em galhos, folhas e troncos atravessados. Também pode ser encontrado em área de cerrado e costuma voar à noite.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Awakadali-kaperi</i> (Yoopinai que anda no mato)/ <i>Inhuákapé</i> (mordem)
13	<i>iittito¹</i>	Bicho-do-pé		Pulga humana. Entra na pele de gente e come a carne.	
14	<i>kawánhero¹</i>	Pulga	Siphonaptera	Pode ser encontrado no pêlo do cachorro ou de paca. Também pode criar na pata do cachorro.	<i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)/ <i>Irakapé</i> (chupam sangue)
15	* <i>tsiino-kawánheroni</i>			Pulga de cachorro.	
16	* <i>daapa-ikawánheroni</i>			Pulga de paca.	
17	* <i>dzáakalopa</i>	-	Plecoptera	Vive na água, em pedras de rio ou de cachoeira. Serve de isca pra pescar aracú. Se uma mulher menstruada pisar nele, pode flechar/ causar doença.	<i>Óonirikoperi</i> (Yoopinai que anda na água)/ <i>Paitselitaxw-pakophé</i> (isca para pescar)

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001); ²Nome encontrado em Taylor *et al.* (1993); - Informação ausente.

Uma ninfa foi denominada de *kophéyorodáli* (doença de peixe). Apesar de não haver casos de parasitismo entre ninfas de Gomphidae e peixes, há casos de predação de alevinos por estas ninfas (Fonseca *et al.*, 2004), que ficam enterradas no fundo do igarapé e podem "flechar doença" (prestar) peixes na medida em que os alevinos encostem em seu microhabitat.

Libélulas das famílias Pseudostigmatidae e Polythoridae, quando apresentam manchas amarelas ou iridescentes (machos) nas asas, são associadas à *Nhāpirikuli*, o deus criador do universo para os Baniwa. A explicação mitológica é dada pelo Sr. J1, que diz que esses tipos de libélulas vinham trazendo as cores para quem estava construindo um barco ou um ralo⁸ tradicional Baniwa.

• ORTHOPTERA

A ordem Orthoptera contém uma grande variedade de insetos, muitos dos quais são comuns e bastante conhecidos. A maioria se alimenta de plantas, alguns dos quais são pragas de cultivos agrícolas (os *Kinikipira* - pragas de roça); outros são predadores, carneiros e, ainda, há os onívoros (Triplehorn & Johnson, 2005). Os nomes dos grilos podem ser influenciados pelo tipo de som produzido por eles (*wiriño* e *tsiali*).

O conhecimento etnoentomológico Baniwa sobre os Orthoptera é bem amplo (Quadro 4), pois são conhecidos desde a narrativa mitológica inicial sobre a origem do universo Baniwa, onde os grilos-irmãos passaram por uma série de novas transformações (por exemplo, de grilos em pássaros) até se tornarem pessoas adultas, os *Hekoapinai*, a gente-universo (Cornelio, 1999:33-34).

Linguisticamente, esses insetos podem ser apreendidos como forma alongada (*dziiro, manéēnai, piito*), arredondada (*dáaphaaro*) e achatada (*dziiro, manéēnai, tsákara*), esta última pertencente ao gênero masculino através do classificador numérico *-iita* (ex.: *apaíta dziiro* - um grilo).

• ISOPTERA

Os Isoptera são apreendidos linguisticamente pelos Baniwa como formas achatadas e pertencentes ao gênero masculino através do classificador numérico *-iita* (ex.: *apaíta keétto* - uma maniara). Os cupins classificados como *Paihanipé* (comestíveis) são lembrados durante os benzimentos de alimentação (*Kalidzamai*). O conhecimento Baniwa sobre esta ordem pode ser conferido no Quadro 5.

Quadro 3. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Odonata (libélulas) e Neuroptera.

Nº	Nome Baniwa	Nome Português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
1	<i>ñépoli</i> ¹	Libélula	Odonata/ Neuroptera (Ascalaphidae)	Anda no rio e fica voando sobre a água. <i>Lipakakawa</i> - posição em tandem. Põe ovos em galhos sobre a água. <i>Ñepoliéni</i> – seus filhotes. Aparece depois da chuva, quando o tempo abre e fica ensolarado.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Maokukapé</i> (não ferram)/ <i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
2	<i>*ñepolitsiki</i>		Odonata: Zygoptera	Um tipo de <i>ñépoli</i> menor, mais fino.	
3	<i>*nhápirikulidana/ ñepolikulidana</i>		Odonata: Anisoptera	Um tipo de <i>ñépoli</i> maior.	
4	<i>pooteéelo</i> ¹		Odonata	Variante meridional (Ramirez, 2001). Falado na região de Victorino (rio Guaiania, Venezuela) entre os clãs Baniwa: Dzawi-Minanai, Adaro-Minanai, etc.	
5	<i>*nhápirikuli iéman</i>		Zygoptera	Um tipo de <i>nhápirikuli</i> .	
6	<i>*nhápirikuli</i>		Zygoptera: Pseudostigmatidae (<i>Microstigma rotundatum</i> Selys, 1860 e <i>Microstigma maculatum</i> Hagen in Selys, 1860) e Polythoridae (<i>Chalcopteryx rutilans</i> Rambur, 1842)	Um tipo de <i>nhápirikuli</i> pintado. São magrinhos e possuem mancha amarela na ponta das asas. Se ele chegar perto de uma pessoa que tá fazendo canoa, significa que a canoa vai ficar bem bonita.	
7	<i>*ñépoli iráite</i>		Anisoptera: Libellulidae/ Gomphidae	Libélula vermelha.	
8	<i>*ñépoli hipóléte</i>		Anisoptera: Aeshnidae	Libélula verde.	
9	<i>*ñépoli keramáite</i>		Anisoptera	Libélula marrom.	
10	<i>*ñépoli itáite</i>		Aeshnidae	Libélula preta.	
NINFAS					
11	<i>*dziiro-óonirikóoperi</i>	Grilo-d'água	Gomphidae (ninfa)	Pode ser encontrado no igarapé, na praia, na beira do rio, em amontoados de folha no fundo. Transforma-se em <i>ñépoli</i> .	<i>Óonirikoperi</i> (<i>Yoopinai</i> que anda na água)
12	<i>*yakelopa</i>	-	Anisoptera (ninfas)	Vive na água, depois se transforma em <i>ñépoli</i> .	
13	<i>*kophéyorodáli</i>	-	Gomphidae	O nome significa "doença de peixe".	
14	<i>*yakahiroitã</i>	-	Libellulidae	Um tipo de <i>ñépoli</i> quando vive na água.	
15	<i>*dzáakaikoio</i>	Tia-docamarão	Zygoptera (ninfas)	Um tipo de <i>ñépoli</i> quando vive na água.	

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001). - Informação ausente.

Quadro 4. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Orthoptera (grilos, gafanhotos e esperanças).

Nº	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
1	<i>dáaphaaro</i> ¹	Paquinha/ Grilo toupeira	Gryllotalpidae	Encontrado na beira do igarapé ou na areia da praia.	-
2	<i>dziiro</i> ¹ (Baniwa)/ <i>dziiru</i> ² (Baniwa do Ayari)/ <i>wiríño</i> (Coipaco)	Grilo	Acrididae	Um tipo de grilo. Alimenta-se de folhas da mandioca. Um gafanhoto que canta " <i>wiríño</i> ".	<i>Kinikipira</i> (pragas de roça)
3	<i>*dziiro itáite</i>	Grilo preto	-	Um tipo de grilo.	-
4	<i>piito</i> ¹	Grilo	Gryllidae	Um tipo de grilo preto que serve de isca pra pescar. Vive nos tocos de pau, em buracos de casca de pau caído na roça. Servem de comida para pássaros e aves de criação. Canta à noite e seus filhotes são iguais aos pais. Pode voar, correr e pular.	<i>Paitselfitaxwpakophé</i> (isca para pescar)
5	<i>tsákara</i> ¹	Gafanhoto	Tettigoniidae: Pterochrozini, Phaneropterinae e Listrosce-lidinae/ Romaleidae/ Eumastacidae	Um tipo de gafanhoto verde e grande que vive só nas folhas da roça ou do açazeiro. <i>Tsákaraeni</i> – seus filhotes. Come folha de mandioca.	<i>Maokukapé</i> (não ferram)/ <i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)
6	<i>*tsákapheerikoite/ tsákaikoikoio</i>	Tios dos gafanhotos	-	Vivem na água.	-
7	<i>manééñai</i> ¹	Gafanhoto	-	Um tipo de gafanhoto preto. Ficam de muitos na roça, podem ficar no tronco da mandioca.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Yokukapé</i> (ferram)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)
8	<i>*manééñai ewápali</i>		-	Um tipo de gafanhoto que possui pontinhos amarelos. Encontrado em grupos nas roças do Içana, come folhas de cubiu e de mandioca.	-
9	<i>*manééñai itápali</i>	-	-	Um tipo de gafanhoto que possui manchas vermelhas.	-
10	<i>*tsiali</i>	-	Tettigoniidae (<i>Panoploscelis specularis</i> Beier, 1950)	Pode ser encontrado nas roças, sobre galhos de árvores, sobre folhas de palmeiras (arumã), próximo a igarapés ou na beira de rios. Come folhas e nasce na terra.	<i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)/ <i>Paitselfitaxwpakophé</i> (isca p/ pescar)
11	<i>*patéte</i>	-	Tettigoniidae	Encontrado na folha seca da bananeira ou sobre folhas de inajá, açazeiro, coqueiro e tucumazeiro.	-
12	<i>*makaitiipe</i>	-	-	Fica na roça e se alimenta de folhas da mandioca.	<i>Kinikipira</i> (pragas de roça)
13	<i>*takáapa</i>	Grilo	Tetrigidae/ Acrididae	Um tipo de grilo.	-
14	<i>*hémaa/ yoopinai/ iñaimitterolépi</i>	Majuba de anta/ Tipiti do diabo	Proscopiidae	Encontrado sobre folhas e galhos no mato.	<i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
15	<i>*panáphe</i>	-	Tettigoniidae (<i>Typophyllum</i> , <i>Cycloptera</i> e <i>Pycnopalpa</i>)	Se disfarçam de folhas.	-
16	<i>*hipoliápali</i>	-	-	Um tipo de grilo.	-

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001); ²Explicação encontrada em Taylor *et al.* (1993); - Informação ausente.

Quadro 5. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Isoptera (cupins).

Nº	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
1	<i>kamára</i> ¹	Cupim	Termitidae	Mora dentro de casa e come madeira. Constrói casa grande. <i>Kamaráda</i> - casa de cupim; <i>kamaraphé</i> - rainha, cupim que voa.	<i>Panttipira</i> (pragas de casa)
2	<i>máaro</i> ¹			Um tipo de cupim que vive na terra, muito destruidor.	
3	<i>dáane</i> ¹	Maniuara	-	Um tipo de maniuara que vive em áreas de terra firme e no baixio próximo à nascente de Igarapés. Aparece mais no inverno. Constrói casa de barro sobre a terra. <i>Daanephé</i> - rainha, que voa.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Inhuákapé</i> (mordem)/ <i>Paihanipé</i> (comestíveis)/ <i>Paitseitaxwpa-kophé</i> (isca para pescar)
4	<i>keétto</i> ¹		-	Um tipo de maniuara comestível de tamanho médio. Faz ninho subterrâneo. Limpam bem o terreno ao redor do ninho, catam folhas para comer. São encontrados somente durante as fases de lua nova ou cheia. <i>Keéttophé</i> - rainha que voa e <i>keéttokóoro</i> - não voa.	
5	<i>*walitsikeéttoni</i>		-	Um tipo de <i>keétto</i> .	
6	<i>maáki</i> ¹		-	Um tipo de maniuara comestível, que tem um pêlo na cabeça, dente afiado e cheiro forte. É encontrado somente durante as fases de lua nova ou cheia.	
7	<i>*kanaliére</i>		-	Possui cabeça grande, cheiro mais forte que <i>keétto</i> e de tamanho maior, como <i>dáane</i> . Faz ninho subterrâneo embaixo de uma palmeira pequena (<i>doohépa</i>) encontrada na 1ª. capoeira formada após a derrubada de uma floresta primária.	
8	<i>*wěmi</i>		-	Possui cabeça pequena e um bundão, cheiro mais fraco. Faz ninho subterrâneo, mesmo habitat descrito acima para <i>kanaliére</i> . <i>Wěmiphé</i> - rainha, mãe.	

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001);
- Informação ausente.

Os únicos representantes reconhecidos como cupins foram *kamára* e *máaro*, associados à Termitidae, porque não são comestíveis e por fazer ninho em árvores e casas de madeira. O restante é considerado “maniuara” (parente de saúva), pelo fato de também ser comestível (lanche do mato), construir ninho subterrâneo e por explicações mitológicas, ou seja, surgiram no mundo em um mesmo momento e de uma mesma forma.

A utilização de ninhos arborícolas de cupim para alimentação de peixes em lago de criação foi uma prática observada na comunidade Itacoatiara-Mirim. O Sr. M1 retirava uma parte do ninho da árvore, colocava sobre uma bacia e, em seguida, transportava-a até o lago, onde havia uma estrutura suspensa na qual ele deixava o ninho para que os cupins caíssem e pudessem servir de alimento para os peixes que ele criava, mas alguns cupins eram jogados diretamente no lago.

Keétto é um tipo de maniuara comestível de tamanho médio (Ramirez, 2001). É possível que várias espécies de cupins que constroem ninhos subterrâneos sejam apreciadas pelos Baniwa como recurso alimentar (Figura 3). Segundo Dufour (1987), os cortadores de folha do gênero *Syntermes* foram os mais importantes na dieta dos povos Tukano, também localizados no noroeste amazônico. Os soldados de *Syntermes* eram coletados da mesma maneira que os soldados de formigas do gênero *Atta*, segundo Dufour (1987), que também registrou o uso destes insetos como isca de pesca.

Há algumas crenças em torno de maniuaras, como é o caso dos cupins comestíveis (*Keetonai*):

“Quando a mulher está menstruada, de resguardo ou depois de ter neném, não pode comer *keétto*, pois possuem dentes afiados. A menstruação aumenta e não passa rápido, pode fazer mal para o cabelo de mulheres em resguardo, pois os dentes da maniuara podem cortar o cabelo delas” (Dona L4).

A explicação para este tipo de restrição alimentar é que durante as fases de resguardo e da menarca o corpo da mulher fica desprotegido, tornando-a visível para o mundo dos *Yoópinai* (seres maléficis). Dessa forma, a mulher poderia facilmente ser capturada por uma alteridade (outro ser social, com o qual se está relacionando, no caso uma maniuara) selvagem (Garnelo, 2003). Neste caso, a maniuara pode ser capaz de

provocar uma doença da feminilidade (*Hiwiathi* - excesso de menstruação, hemorragias pós-parto, morte pré e pós-natal do feto, etc.), caso a mulher não tenha recebido os devidos benzimentos, não tenha cumprido os rituais de passagem ou desobedecido as regras de restrição alimentar.

A presença e o odor do sangue evidenciam que há uma metamorfose em curso, momento delicado em que a pessoa fica passível de ser apropriada por outros sujeitos do cosmos (Fausto, 2002). Portanto, o universo relacional das pessoas em resguardo deve ser limitado, ou seja, controlado por uma série de restrições alimentares para evitar que os processos de transformação tomem a direção errada (Fausto, 2002).

Segundo Garnelo & Buchillet (2006), a hostilidade dos *Yoópinai* é manifestada, sobretudo, nos períodos em que a mulher mostra seus sinais de fertilidade e capacidade procriativa, significando para os *Yoópinai* um aumento futuro da predação humana sobre o mundo animal.

Sobre este argumento, é importante mencionar o conceito de “predação familiarizante” formulado por Fausto (2002), onde ele analisa, sob o viés do perspectivismo, que a predação está intimamente associada ao desejo cósmico de produzir parentesco e, quando esta se dá por meio da doença, os humanos correm o risco de se tornarem um animal (predação familiarizante dos animais). Assim, “o que é doença para os humanos pode ser guerra para os animais” (Fausto, 2002).

Por meio do estudo das práticas de resguardo, dieta e reclusão, Belaunde (2006) mostra que a manipulação do sangue ocupa um lugar central na saúde amazônica, indicando a capacidade transformacional do sangue:

“Sangrar é uma prerrogativa feminina [...], põe a fertilidade em movimento, abrindo a comunicação entre o tempo cotidiano e outros espaços-tempos cosmológicos, expondo ambos os gêneros ao perigo da multiplicidade transformacional, à alienação e à morte.” (Belaunde, 2006).

Durante a menarca, a menina encontra-se numa fase de transição para o corpo de mulher, significando biologicamente que a partir deste momento ela terá a capacidade de gerar outro ser a partir de seu próprio sangue. Isto faz sentido tanto do ponto de vista ético (analítico), quanto do êmico (cognitivo).



Fig. 3. Maniuaras coletadas para consumo sob duas formas diferentes: fogo e cipó dentro do ninho subterrâneo. Fotos: Sunny Petiza.



Quadro 6. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Heteroptera (percevejos e aranhas d'água).

Nº	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
1	*ñewi			Vive na superfície d'água. Fica "dançando" em cima do igarapé.	<i>Malakaite</i> (não voa)/ <i>Maokukapé</i> (não ferra)/ <i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
2	*pidóo	Aranha d'água	Gerridae	Vive sobre a água, porém é menor que ñewi.	
3	*hémaa imuka-wāni/ <i>yoopinai</i>	Espingarda de anta	Nepidae	Pode viver no mato ou na água. É reconhecido pela forma de zagaia. Pode causar reumatismo. Se não banhar, ele chupa.	<i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
4	*dzáakahiromi	Avô do camarão	Belostomatidae	Um tipo de percevejo d'água. Vive no fundo de rios e igarapés, no folhíço.	<i>Paitselfitaxwkapohé</i> (isca para pescar)
5	<i>kettámaro</i> ¹	Percevejo	Pentatomidae	Um tipo de percevejo verde que libera um cheiro ruim e pode provocar queimadura na pele. Pode viver no galho ou na folha de mandioca. Pode proteger o cubiuzero, impedindo a presença de larvas.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
6	<i>maadzóodzo</i> ¹	Barbeiro ou Piolho de piaçava	Reduviidae: Triatominae	Vive na piaçava. Transmissor da doença de chagas, chupa sangue de gente. Pode ser encontrado de várias cores (preto, azul, vermelho).	<i>Irakapé</i> (chupa sangue)/ <i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001).

● HEMIPTERA (HETEROPTERA)

Os Heteroptera são apreendidos linguisticamente por meio de dois classificadores numéricos: *-áapa* (alongado) para *kalimáto* e *maadzóodzo* e *-iíta* (achatado e masculino) para *kalimáto* e *kettámaro*. O conhecimento etnobiológico Baniwa sobre Heteroptera pode ser visto no Quadro 6.

Interessante notar que, quando viam a figura de um Gerridae, os participantes se mostravam alegres e geralmente contavam uma história de sua infância ou ocorrida com suas crianças. Os Baniwa utilizam Gerridae para passar nas mãos e nos pés das crianças a fim de que estas desenvolvam habilidades (dançar, escrever, ler, tocar algum instrumento musical,

etc.) e sejam mais ativas, como os *ñewi* que não param de dançar na água.

● HEMIPTERA (AUCHENORRHYNCHA E STERNORRHYNCHA)

Estes insetos são apreendidos linguisticamente sob duas formas: masculino e achatado, através do classificador numérico *-iíta* (ex.: *tsiirito*); e arredondado, por meio do classificador numérico *-da* (ex.: *dzóroo*, *tsiída* e *tsiirito*). O conhecimento dos Baniwa sobre estas subordens pode ser visto no Quadro 7.

As cigarras consideradas *tsiída* possuem uma grande importância entre os Baniwa, consideradas "relógio de Baniwa" por cantarem antes do amanhecer, entardecer e anoitecer.

Quadro 7. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Auchenorrhyncha e Sternorrhyncha (pulgões e cigarrinhas).

No.	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
1	<i>tsiida</i> ¹ (Baniwa)/ <i>*tsiyai</i> ou <i>*tsiyai-tsiyai</i> (Coripaco)	Cigarra	Cicadidae, Cicadellidae, Cixiidae	É relógio de Baniwa. São identificados pelo tipo de canto. Pode ser encontrado em qualquer lugar, canta antes do verão chegar, antes do dia amanhecer, no entardecer e antes de anoitecer. Também pode indicar quando uma pessoa alegre vai chegar ou quando não vai chover. É advinho e seu canto dá a direção do casamento, diz se a pessoa vai casar pro norte, sul, leste ou oeste.	<i>larakapé</i> (voam)/ <i>Maokukapé</i> (não ferram)
2	<i>dzóroo</i> ¹ (Baniwa)/ <i>*daridari</i> ou <i>yoroóda</i> (Coripaco)			Primo do <i>tsiida</i> e parente de <i>lhiw</i> . Durante uma parte de sua vida vive debaixo da terra. Constrói uma casa em forma de torre no chão, chamada <i>dzóroo ipana</i> . Canta quando amanhece dia ensolarado e no mês de julho.	
3	<i>*lhiw</i>		Fulgoridae: <i>Aracynthus sanguineus</i> Olivier, 1791	Era a amante preguiçosa de <i>Nhãnpirikuli</i> que não gostava de ir para a roça. Dá sinal de dia ensolarado.	
4	<i>tsiirito</i> ¹ / <i>tsirito</i> ¹	-	Membracidae	Um tipo de inseto pequeno, verde e comestível, que vive em fileiras nos galhos do ingazeiro. Ocorre mais no começo do ano, durante o tempo de chuva.	<i>Paihanipé</i> (comestíveis)
5	<i>*máami</i> (Baniwa)/ <i>*hawayamále</i> (Coripaco)	-	Flatidae: <i>Poikilloptera</i>	Vive nos galhos e troncos das ingazeiras. Ocorre mais no começo do ano, no inverno. É gostoso frito com beiju. O nome <i>máami</i> se refere a uma ave da família dos tinamídeos, inambu-galinha (Ramirez, 2001).	
6	<i>*máami irukapéhawad-zanako</i>	-	Flatidae	Fica em fileiras nos galhos da árvore de ingá e também é comestível. Também pode ser praga de maniva.	
7	<i>*yakilana</i>	Jequitiranabóia	Fulgoridae: <i>Fulgora</i>	Parece um <i>makálo</i> , mas tem espora. Se ferrar, a dor só passa se a pessoa fizer sexo.	<i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
8	<i>*óolukai</i>	-	Auchenorrhyncha	-	
9	<i>*yawakaluna</i>		Sternorrhyncha:	-	
10	<i>*áalito</i>		Coccidae	Ocorre no mês de agosto, fica em galhos de árvore na beira do rio.	

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001). - Informação ausente.

Quadro 8. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Coleoptera (besouros).

No.	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
1	<i>déeto</i> ¹	Besouro	Curculionidae: <i>Rhyncophorus</i> sp.	A larva e o adulto (retirado as asas) são comestíveis. Vivem dentro de troncos caídos de pataúá, de bacaba ou na pupunha. É mãe da <i>moxiwa</i> .	<i>Paihanipé</i> (comestíveis)
2	<i>*dzépalo</i>		Curculionidae	Um tipo de <i>déeto</i> .	
3	<i>katsowádani</i> ¹		Scarabaeidae (Dynastinae)	Besouro grande e avermelhado.	-
4	<i>taapalíko</i> ¹		Passalidae	Vive na casca de pau seco e podre na roça.	<i>Tapé</i> (servem como remédio)
5	<i>tsietsiépaaro</i> ¹ / <i>*tsiépáro</i>			Vive dentro de pau podre e pode ser <i>itáite</i> (preto) ou <i>keramáite</i> (marrom).	
6	<i>*tsiideni</i>	Joaninha	Coccinellidae	Jabuti pequeno de inseto.	-
7	<i>iixidaa</i> ¹	Rola-bosta	Scarabaeidae	Besouros pretos ou verdes. Podem ser encontrados no abacaxi. Vivem enrolando merda de anta na campinarana.	<i>Makadawanai</i> (não serve para comer)
8	<i>tákairo</i> ¹	Serra-pau	Cerambycidae	Corta galho de árvore no começo do verão, fica fazendo a roça dele. Quando aparece é sinal que o verão tá começando.	-
9	<i>*tákairo dzoite</i>			Um tipo de <i>tákairo</i> pequeno.	-
10	<i>tóoke</i> ¹	Vaga-lume	Elateridae/ Lampyridae	Seus olhos brilham.	<i>larakapé</i> (voam)/ <i>Yoopinai</i> (podem trazer doença)
11	<i>aawitti</i> ¹			Aparece na boca da noite, possui luz própria e é parente de <i>tóoke</i> .	
12	<i>*ñeritóokeni</i>		Elateridae (<i>Chalcolepidius</i>)	Vive em pau podre na roça, voa e vive só.	<i>larakapé</i> (voam)
13	<i>*néeri</i>	-	Elmidae	Um tipo de besouro.	-
14	<i>*bwíe</i>	-	-	Fica na casca de pau quando a gente queima a roça.	
15	<i>*taitáilo</i>	-	-	Um tipo de besouro.	
16	<i>*dzemōamōaani</i>	-	-	Um tipo de besouro.	
17	<i>*matsitali</i>	-	-	Encontrado na roça.	
18	<i>*wapakái</i>	-	-	Vive na terra firme.	
19	<i>háliere</i> ¹	Moxiua (larva)	Curculionidae	Larva de besouro. Ocorre mais na época de chuvas. Fica dentro do tronco do patauazeiro morto. Põe ovos no pé de bacaba seco/ morto. Faz barulho e buracos no tronco.	<i>Paihanipé</i> (comestíveis)
20	<i>moódi</i> ¹		Curculionidae: <i>Rhyncophorus</i> sp.	Larva de <i>déeto</i> , um tipo de moxiua marrom/ branco e grande, que pode ser criada em tronco de bacaba/ patauazeiro derrubado durante 2 meses.	
21	<i>tsiódere</i> ¹		Moxiua grande. Também se transforma em <i>déeto</i> e vive dentro de certos troncos derrubados: pataúá, bacaba, buriti.		
22	<i>*dzexéni</i>	Larva	-	-	-
23	<i>*dzémoli</i>	Larva	Passalidae	Vive na terra, em pau podre. Transforma-se em <i>tsietsiépaaro</i> .	-

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001). - Informação ausente.

Já os *yakilana* (jequitiranabóia, *Fulgora* sp.) carregam uma crença curiosa compartilhada por etnias de alguns países latino-americanos: Se ferrar, a dor só passa se a pessoa fazer sexo (J4). Costa Neto (2004b) relata a existência desse saber popular na Costa Rica e na Colômbia; para o Brasil havia sido relatada apenas a afirmativa de que este inseto carregaria um veneno mortal.

• COLEOPTERA

Os Coleoptera são apreendidos linguisticamente sob duas formas: arredondada, por meio do classificador numérico *-da* (ex.: *háliere*, *iixídaa*, *katsowádani*, *moódi*, *tákairo*, *tsiódere*); e achatado e masculino *-iíta* (*aawítti*, *déeto*, *moódi*, *taapalíko*, *tóoke*, *tsietsiépaaro*). O conhecimento dos Baniwa sobre os besouros pode ser visto resumidamente no Quadro 8.

As larvas de Curculionidae são comestíveis e bastante apreciadas entre os Baniwa, pois eles sabem exatamente onde e quando as larvas ocorrem, inclusive realizam sua criação em locais com troncos caídos de palmeiras, principalmente da bacabeira (*Oenocarpus bacaba* Mart.).

• HYMENOPTERA

Há dois clãs Baniwa que levam nomes de insetos Hymenoptera: *Máoliene* (filhos da caba) e *Kottéeroeni* (filhos da abelha brava). Curiosamente, também há dois grupos de clãs Kurripako com nomes de Hymenoptera: *Aini-dakenai*, *Maulieni* e *Káwa-tapúya* (netos da vespa) e *Mapa-dakenai*, *Mápanai* e *Mapátse-dakenai* (netos da abelha), segundo Granadillo (2006).

No presente trabalho, apresentamos 108 nomes Baniwa de insetos pertencentes à ordem Hymenoptera coletados na literatura existente sobre estes povos (Taylor *et al.*, 1993; Ramirez, 2001; Fernandes *et al.*, 2009) e por meio de entrevistas com os participantes da pesquisa, identificados por siglas entre parênteses no Quadro 9.

Podemos perceber que os Baniwa possuem saberes detalhados sobre formigas, vespas e abelhas (Quadro 8: N^{os} 26, 54 e 86). Há registro, inclusive, de uma vespa que gosta de comer com as pessoas e chega até a lamentar a morte de companheiros humanos com os quais partilhou comida (No. 77).

As relações de *comensalidade* (comer como e com alguém) na Amazônia também foram analisadas por Fausto (2002) como formas de produção de parentesco. Este autor conclui que “a partilha do alimento e do código culinário fabrica pessoas da mesma espécie”. Não é a ideia biológica de que pessoas e vespas pertençam a uma espécie, mas sim a noção de perspectiva de que estes seres compartilham de uma mesma essência, na qual comer, chorar e sentir saudades são ações típicas tanto da *humanidade* quanto da *animalidade* (Ingold, 1999).

Este grupo de insetos pode ser apreendido linguisticamente por meio de três classificadores numéricos:

1. *-da* (arredondado): Formicidae (*kadáadali* (rainha), *káiwiri* (rainha); Vespidae (*hipolédawaro*) e Apidae (*kéttole*, *koe-mápani*, *mapolhédawaro*, *moóne*, *pathipira*, *tsimóda*).

2. *-aápa* (alongado): Formicidae (*ámali*, *maderiapa*, *mamawipixeni*, *wánali-ikapítsire*, *kettoliapa*) e Apidae (*dzawi-mápani*, *kottéero*, *piñéero*, *adáro*, *awarána*, *domaliwi*, *dzapáita*, *dzawi-náapa*, *hálani*, *iipéeko*, *iiwipíra*, *kaáme*, *perikámheni*, *tsháali*, *táapa*, *típami*).

3. *-iíta* (achatado e masculino): Vespidae (*adáro*, *áini*, *awarána*, *domaliwi*, *dzapáita*, *dzawi-náapa*, *émoro*, *hálani*,

iipéeko, *iiwipíra*, *kaáme*, *kátimi*, *maadenháali*, *panapíto*, *phitsiñnai*, *piúthero*, *táapa*, *típami*; Formicidae (*ámali*, *maderiapa*, *áakaali*, *aalámoni*, *ame*, *atápa*, *dóowhero*, *dzáwaaro*, *eekonómali*, *kadáadali*, *kadzawitakaápa*, *káiwiri*, *kawípe*, *kétsi*, *kóowhe*, *maáka*, *máneee*, *piitti*, *potsída*, *tátaale*, *toóme*, *ttiñaliwáire*, *ttowiapa*, *wénhi*, *wéphi*, *wiidozo*) e Apidae (*dzáita*, *dzawi-mápani*, *énoi*, *keráde*, *koe-mápani*, *máapa*, *mapíwa*).

Formigas, como as saúvas, classificadas como *Paihani-pé* (comestíveis), são lembradas durante o ritual de benzimento dos alimentos (*Kalidzámái*) realizado por benzedores. No caso das mulheres em específico, este tipo de benzimento é muito importante, pois as saúvas, assim como as maniuaras (*Keetonai*), podem ser capazes de provocar uma doença da feminilidade (*Hiwiathi*), caso a mulher não tenha recebido os devidos benzimentos, não tenha cumprido os rituais de passagem ou desobedecido as regras de restrição alimentar.

Para os Baniwa, a subfamília Myrmicinae é associada às saúvas (*Kóowhenai*), Ponerinae às tocandiras (*Máneeni*) e Ectoninae às taocas (*Áakaalinai*). O sufixo *nai* significa “em geral”, marca do plural na língua Baniwa (Ramirez, 2001). Alguns Myrmicinae (*Kóowhenai*) são classificados junto com os peixes, como *Kophénai*. A origem desse fato tem explicação na mitologia Baniwa, onde é citado que três tipos de peixes saúvas surgiram a partir dos restos de três tipos de peixes (Garnelo *et al.*, 2005). Estas formigas são: *kadáadali*, *kowhé* e *piitti*.

Entre os Baniwa, as abelhas também costumam ser entidades que participam nas histórias míticas. O narrador Manuel da Silva (Cornelio *et al.*, 1999) conta em um trecho da história “*Kuwaikaniri*, ou *Mawirikuli*, a primeira pessoa a morrer” a presença de espíritos-abelhas (os *Kuwainyai*) no momento em que iam matar *Nhápírikuli*, o deus criador para os Baniwa. Mais uma vez deixando claro que os insetos podem possuir a mesma essência que a dos humanos; neste caso, o fato de estes insetos também serem dotados de espírito.

E, apenas para ilustrar de maneira mais concreta a idiosincrasia Baniwa, em frente à comunidade Taiaçu-cachoeira (baixo Içana), abaixo de Tunuí-cacheira, existe um lugar sagrado considerado como a pedra das abelhas (Trinho Paiva - comunicação pessoal), onde se acredita terem nascido todas as abelhas e onde elas se encontravam para fazer “*dabucuri*” (*pódaali*), festa ritual onde há oferta de comida e bens materiais (Ramirez, 2001).

• LEPIDOPTERA

Estes insetos são apreendidos linguisticamente pelos Baniwa de três formas: achatado e pertencente ao gênero masculino, por meio do classificador numérico *-iíta* (*aatáka*, *dzawikaro* e *makálo*); alongado pelo classificador *-aápa* (*tháara*, *kadaápalí*); arredondado pelo classificador *-da* (*dzéeka-iixeni*, *eedáikoro*, *póotaro*) e filiforme pelo classificador *-khaa* utilizado apenas para algumas lagartas (*áakooro*, *dzéeka-iixeni*, *hipolé-koro*, *kadaápalí*, *mattípero*, *meetshákoru*, *tokotokó-xeni*). Todos estes nomes em Baniwa podem ser encontrados no Quadro 10.

Muitas borboletas e mariposas são classificadas como *Awakadalikaperi* (um tipo de *Yoopinai*, seres maléficos que andam no mato). Os Baniwa acreditam que se pousarem na roupa da pessoa podem causar coceiras ou se pousam na comida, estragam-na.

Quadro 9. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Hymenoptera (vespas, abelhas e formigas).

9A FORMICIDAE / FORMICINAE (*Camponotus* sp.)

No.	Nome Baniwa	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
FORMICIDAE			
1	<i>kawípe</i> ¹	Um tipo de formiga pequena, caseira e cinzenta.	<i>Maokukapé</i> (não ferram)
2	<i>dóowhero</i> ¹	Seu formigueiro fica nas árvores de ingá e é construído com folhas. Também conhecida por <i>tagi</i> ou <i>piliua</i> .	<i>Yokukapé</i> (ferram)
3	<i>dzáwaaro</i> ¹	Um tipo de formiga pequena, também conhecida por formiga-doido.	<i>Marakapé</i> (não voam)
4	<i>eekonómali</i> ¹	Um tipo de formiga muito pequena que faz buraco no chão e seu ninho é subterrâneo.	-
5	<i>maáka</i> ¹	Um tipo de formiga pequena que tem cheiro ruim e invade as casas para carregar açúcar e comida.	<i>Makadawanai</i> (não comestíveis)
6	<i>mamawipixeni</i> ¹ / <i>mamaí-pheni</i> ²	Um tipo de formiga pequena que vive em simbiose com a árvore <i>mamaiphenina</i> , de picada dolorosa.	<i>Yokukapé</i> (ferram)
7	<i>wéphi</i> ¹	Um tipo de formiga que se alimenta de madeira e estraga as casas.	<i>Panttipira</i> (pragas de casa)
8	<i>wénhi</i> ¹	Certo tipo de formiga. <i>Wenhipé</i> - rainha, mãe.	-
9	<i>*matooléna</i>	Possui o corpo brilhante. Faz casa debaixo da terra, fazem caminhos e guerreiam. Invadem casas de maniuara, ferram e carregam-nas para suas casas.	<i>Yokukapé</i> (ferram)
10	<i>*kaporumanéeni</i>	Formiga marrom e grande. Faz casa dentro da samambaia, na árvore ou no chão.	
11	<i>*dzemanéeni</i>	Encontradas na roça em troncos em decomposição.	
12	<i>*taratahero</i>	Fazem ninho com folhas de árvores que ficam na roça. Capazes de liberar um ácido que arde na pele.	<i>Inhuâkapé</i> (mordem)
13	<i>*yawáro</i>	Vive na terra firme.	-
14	<i>*paimáda</i>	Encontrada na campinarana.	-
15	<i>*tatále</i>	Um tipo de formiga preta que faz uma casa branca em cima de árvores.	<i>Inhuâkapé</i> (mordem)
16	<i>atápa</i> ¹	Um tipo de formiga preta.	-
FORMICINAE (<i>Camponotus</i> sp.)			
17	<i>aalámoni</i> ¹	Um tipo de formiga marrom que constrói casa e vive ao redor de palmeiras em terra firme. Também pode ser encontrado em áreas de igapó.	<i>Inhuâkapé</i> (mordem)
18	<i>potsída</i> ¹	Um tipo de formiga (taracúá) preta que morde. Vive na folha do arumá ou debaixo de folhas das árvores, em área de terra firme.	

9B. MYRMICINAE, PONERINAE (*Máneena*), ECITONINAE (*Ákaalina*), VESPOIDEA, APOIDEA

No.	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa	
MYRMICINAE (<i>Kóowhená</i>)						
20	<i>kadáadali</i> ¹	Saúvas	-	Vive em vegetações de campinarana e na roça. É preto e faz ninho subterrâneo. <i>Apáda kadáadali</i> - rainha de saúva.	<i>Kophénai</i> (peixes)/ <i>Paihanipé</i> (comestíveis)/ <i>Paitseilitaxwpakophé</i> (isca pl pescar) <i>Kinikipira</i> (praga de roça)	
21	<i>*kadáadali itapériko</i>			Um tipo de <i>kadáadali</i> .	<i>Paitseilitaxwpakophé</i> (isca pl pescar)	
22	<i>*itadaliphé</i>			Um tipo de <i>kadáadali</i> preto que voa.	<i>larakapé</i> (voam)	
23	<i>*máni</i>			Um tipo de <i>kadáadali</i> que vive em área de campinarana.		
24	<i>káiwiri</i> ¹			Vive em um tipo de terra firme e na capoeira. Comem folha e casca de mandioca na roça. Voa durante o dia e é parente de <i>piitti</i> . <i>Apáda káiwiri</i> - rainha de saúva.	<i>Kophénai</i> (peixes)/ <i>Paihanipé</i> (comestíveis)	
25	<i>kétsi</i> ¹			<i>Atta</i> sp.	Saúvas operárias auxiliares, de tamanho reduzido e função bem específica.	<i>Inhuâkapé</i> (mordem)/ <i>Yokukapé</i> (ferram)
26	<i>kóowhe</i> ¹ / <i>kuuhwe</i>			<i>Atta</i> sp.	Vive em um tipo de terra firme e em capoeira baixa ou em campinarana. Faz ninho subterrâneo. São cortadeiras e carregadeiras, podem comer folha de mandioca. Ocorre mais no começo do ano, no inverno. Quando voa é época de piracema. <i>Kóowheapo</i> - caminho de saúva. <i>Kowhé ittoróale</i> - compartimento de saúvas.	<i>Kophénai</i> (peixes)/ <i>Paihanipé</i> (comestíveis)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)
27	<i>*kóowhe hadoáda</i>				Mãe de saúva, forma alada.	<i>Paitseilitaxwpakophé</i> (isca pl pescar)/ <i>larakapé</i> (voam)
28	<i>piitti</i> ¹				Saúva-da-noite, é branco e apresenta uma estrela na cabeça. Voa às 04hs da manhã ou à noite. A rainha (mãe), <i>piittiphé</i> , voa no começo do inverno. Possui casa fixa em área de terra firme. É companheira de <i>itadaliphé</i> .	<i>Paihanipé</i> (comestíveis)/ <i>Inhuâkapé</i> (mordem)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)
29	<i>toóme</i> ¹			<i>Acromyrmex</i> sp.	Vivem no igapó, faz casa em toco de pau, são nômades e parentes de <i>piitti</i> . Corta e carrega as folhas da roça.	<i>Inhuâkapé</i> (mordem)
30	<i>wiidzo</i> ¹	<i>Atta</i> sp.	Macho de saúva.	<i>Paihanipé</i> (comestíveis)		
31	<i>maderiapa</i> ¹	-	<i>Pseudomyrmex termitarius</i> Smith, 1855	Um tipo de formiga pequena, de picada dolorosa, que vive na terra ou na roça.	<i>Yokukapé</i> (ferram)	
32	<i>áme</i> ¹	Formiga-de-fogo	<i>Solenopsis</i> sp.	Pode viver na terra, na folha ou nos galhos de mandioca na roça ou em palmeiras.		
33	<i>*zawitakáape</i>	-	-	É flechador e faz casa no pé das plantas.		
34	<i>*dzawihematete</i>	-	-	Um tipo de formiga pequena que ferra e dói muito. Faz ninho debaixo da terra, na roça ou no caminho. Gosta de frutas doces, umari e bacaba.		

No.	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa	
35	tátaale'/ tátaole*	-	<i>Cephalotes atratus</i> Linn., 1758	Vive na roça, faz casa no buraco de pau. Sua cabeça parece com a de uma ave de mesmo nome (cancão - <i>tátaale</i>).	Inhuākápé (mordem)	
PONERINAE (Máneeni)						
36	mánee ¹	Tocandira	<i>Paraponera clavata</i> Fabricius, 1775 <i>Dinoponera gigantea</i> Perty, 1833	Certas formigas de grande porte que vivem na terra ou nos tocos de pau na roça, em vegetações de terra firme ou em campinarana. Podem atacar folhas de cubiu ou de mandioca. Faz casa grande de barro e limpa bem (retira as folhas) ao redor da casa.	Yokukápé (ferram)	
37	*mánee madoiniri		-	Vive na terra firme e faz ninho subterrâneo.		
38	máneeiiphékolo ¹		<i>Paraponera</i> ou <i>Dinoponera</i>	Tocandira que possui asas.		
39	*mánee itáite		-	Encontrados na terra firme.		
40	*mánee iráite		-	Tocandira vermelha.		
41	*mánee keramáite		-	Tocandira marrom.		
42	ttoowiapa ¹		<i>Pachycondyla crassinoda</i> Latreille, 1802	Vive em área de terra firme.		
43	*pedalihamitsiwi		-	Um tipo de mánee que vive em grupos que podem flechar.		
44	kettoliapa ¹		-	<i>P. villosa</i> Fabricius, 1804		Certo tipo de formiga.
45	*dóotero		-	<i>Dinoponera</i> sp.		Vive no capim que cresce na roça.
46	*atápa	-	<i>Odontomachus</i>	Um tipo de formiga.		
47	kadzawitakaápa/ kéthiwi ¹	Pentelho-de-velha	<i>Odontomachus haematodus</i> Linnaeus, 1758	Vive ao redor de palmeiras na terra firme.		
48	wánali-ikapitsire ¹	-	<i>O. hastatus</i> Fabricius, 1804	Um tipo de formiga de picada dolorosa.		
49	ámali ¹	-	<i>Ectatomma quadridens</i> Fabr. E. <i>tuberculatum</i> Olivier	Um tipo de formiga pequena e preta, de picada dolorosa. Encontrado na terra firme. Faz buraco no solo da roça.		
50	*ámali itáite	-	-	Encontradas na terra firme.		
51	*ámali iráite	-	-	Um tipo de formiga pequena e vermelha.		
ECITONINAE (Ákaalíni)						
52	áakaali ¹	Taoca	<i>Eciton vagans</i> Olivier, 1791	Um tipo de formiga de correição encontrado no caminho da roça. Pode ser preto, vermelho ou cego.	Yokukápé (ferram)	
53	tíñaliwáire ¹ / *áakaali halehiwí-dále		<i>E. hamatum</i> Fabr., 1781	É amarelo. Anda em grupo de muitos, espantam tudo quando andam no mato e também guerreiam. Se ferrar uma moça, significa que ela vai casar com um homem velho, porque essa formiga possui cabelo branco.		
VESPOIDEA						
54	áini ¹	Vespa, caba	Vespidae	Sua casa pode ser encontrada na folha de qualquer palmeira em área de campinarana ou em igapó. <i>Áini iipana</i> - vespeiro; <i>áini iaróda</i> - casa de cabas; <i>áini iewhe</i> - ovo de caba; <i>áini iewhéeta</i> - conjunto de alvéolos; <i>áini iíwi</i> - ferrão de caba; <i>eewheróaphi</i> - alvéolo de caba.	Yokukápé (ferram)	
55	dzawi-náapa ¹ / yawináapa*	Caba	Sphecidae	Um tipo de caba grande que pode ser encontrada na campina ou no caminho da roça. Faz um buraco embaixo da terra e pode comer aranha ou grilos.		
56	perikámheni ¹	Meiu-kawa	<i>Apoica</i> sp.	Um tipo de caba grande e amarela.		
57	táapa ¹	Caba-da-noite	<i>Apoica</i> sp.	Um tipo de caba grande e noturna.		
58	típami ¹	Caba-de-peixe	<i>Angiopolybia</i>	Um tipo de caba amarela.		
59	iipeéko ¹ / mókoli ¹	Caba	<i>Stelopolybia</i> sp.	Certo tipo de caba que vive dentro dos paus.		
60	*kaxalábini	-	<i>Angiopolybia</i> sp.	Fica no roçado, na capoeira, em área de terra firme ou na beira do rio. Faz casa (<i>kaxalábini iipana</i>) em forma de peito (<i>iapí-koahéaparí</i>).		
61	domaliwi ¹	Caba	<i>Pseudopolybia langi</i> Bequard, 1944	Um tipo de caba pequena de picada muito dolorosa.		
62	kalimáto ¹	-	<i>Trypoxylon</i> sp.	Caba solitária que vive em uma casa de barro.		
63	maadenháali ¹	-	<i>Stictia</i> sp.	Um tipo de caba listrada que vive na terra. Uma vez que seu ferrão é retrado, serve de brinquedo quando amarrado a um fio.		
64	tsháali ¹ / aalidali ¹	Tatu-caba	<i>Synoecoides depressus</i> Ducke, 1905	São graúdos e pretos. Sua casa tem a forma de um casco de tatu e vive na beira do rio. Se olhar pra casa dele e franzir a testa, pra sempre ela ficará franzida.		
65	awarána ¹	Caba-de-peixe	-	Vive no oco dos paus e possui picada muito dolorosa. Vive em área de terra firme.		
66	dzapáita ¹	Mangerona	-	Um tipo de caba caseira e avermelhada que ferra.		
67	hálaní ¹	Tatu-caba	-	De picada muito dolorosa, faz seu vespeiro no tronco das árvores.		
68	hipolédawaro ¹	Caba	-	Caba pequena e esverdeada, mais encontrada na roça.		
69	phitsiñai ¹	Acuti-kawa	-	Um tipo de caba preta encontrada no igapó.		
70	adáro ¹	-	-	Vive dentro de um formigueiro.		
71	iipíra ¹	Caba	-	Um tipo de caba que possui a casa em forma de um aturá grande.		

No.	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
72	kátimi ¹		-	Um tipo de caba pequena e amarelinha que ferra. Possui vespeiro afunilado construído debaixo das folhas.	
73	iipéeko ¹		-	Caba grande, parente de kátimi.	
74	panapito ¹		-	Um tipo de caba pequena que faz sua casa debaixo das folhas, em área de terra firme ou campinarana.	
75	*makoeda		-	Um tipo de caba.	
76	*katsólupi		-	Cabas amarelas que vivem em grupos. Faz casa na folha de arumã ou de açai.	Yoopinai (doença)
77	*kaialábilu		-	Faz casa debaixo das folhas. Essa caba gosta de comer com as pessoas no mato e até lamenta quando uma pessoa com quem ele comeu morre.	Maokukapé (não ferram)
78	*péete		-	Sua casa parece um beiju. Se a pessoa sovinar beiju, pode ser ferrada por essa caba.	
79	*kaátsi		-	Sua casa parece um caranguejo. Encontrado em áreas de terra firme, campinarana ou igapó.	
80	piithero ¹	Tapiocaba	-	É brabo e faz casa nos galhos em área de terra firme ou no igapó.	Yokukapé (ferram) Yoopinai (podem causar doença)
81	*piténi	-	-	Um tipo de vespa que constrói casa e não é brabo.	-
82	émoro ¹	Vespa	-	Um tipo de vespa do tamanho da mamangaba.	-
83	*piitti- piithero	-	-	Um tipo de caba.	-
84	toópi ¹	Caba	-	Um tipo de caba.	-
85	kaáme ¹	-	-	Um tipo de caba grande.	-
APOIDEA					
86	máapa ¹	Abelha	Apidae	Encontrada em área de campinarana (<i>Anelima</i>). <i>Máapa iipanal/ máapa idzáake</i> - colméia; <i>maapána</i> - árvore onde vivem abelhas; <i>mapadóña</i> - cera de abelha; <i>maapéewhe</i> - ovo/ larva de abelha; <i>mápa/ máapa idoni</i> - mel de abelha; <i>liewheróaphi</i> - alvéolo de abelha.	-
87	*máapa haikoliku-péri		-	Um tipo de abelha que produz mel na árvore e pode ser encontrada em área de campinarana.	-
88	thipira ¹ / pathipira ¹	Lambe-olhos	Meliponinae	Encontrada em área de campinarana.	-
89	moóne ¹	Mamangava		Abelha grande de picada dolorosa.	Yokukapé (ferram)
90	*moóne itapéri			Um tipo de mamangava.	
91	mapíwa ¹ / mapíwao	Abelha tímida	¹ Melipona sp.	Produz mel doce. Encontrado em área de igapó.	-
92	dzawi-mápani ¹	Abelha-onça		Produz um mel mais doce.	-
93	keráde ¹	Jandaira/ abelha brilhosa		Um tipo de abelha que produz mel doce, encontrado em área de igapó.	-
94	kéttole ¹	Abelha acinzentada	¹ Melipona eburnea Friese, 1900	Um tipo de abelha que produz mel doce e é encontrada em área de igapó.	-
95	² monedape	Abelha de mangaba	Melipona sp.	Fonte: Fernandes <i>et. al.</i> , 2009	-
96	mapolhédawaro ¹	Lambe-olhos/ abelha cisco dos olhos	¹ Trigonini	Constrói sua própria casa e faz mel. Encontrado em área de igapó. Pode entrar no olho e arder igual pimenta.	-
97	koe-mápani ¹	-	¹ Scaptotrigona sp.	Produz mel azedo.	Kinikipira (praga de roça)
98	² tidzeemapani	Abelha-de-fogo		Um tipo de abelha.	-
99	kottéero ¹	Abelha brava		Um tipo de abelha pequena, amarela e muito brava. Produz mel ruim, ninguém come.	-
100	éno ¹	Uruçu/ abelha do universo		Um tipo de abelha.	-
101	² koitsimapani	Abelha de mutum			-
102	² manapimapani	Abelha de sarapó pintado			-
103	² kamaramapani	Abelha de cupim	¹ Trigonini		-
104	² phitsimapani	Abelha de cutia			-
105	piñéero ¹	-	-	Suga as flores de uacú. É atraído pelo suor da gente.	-
106	tsiimóda ¹ / maapa-dáada	-	-	Um tipo de abelha preta que libera um cheiro forte.	Maokukapé (não ferram)
107	dzáite ¹	-	-	Um tipo de abelha.	-
108	*yaíta	-	-	Um tipo de abelha.	-

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001); ²Nome associado através do guia "Criação de Abelhas sem ferrão" elaborado por pesquisadores Baniwa da comunidade Tunuí-cachoeira (Fernandes *et al.*, 2009); - Informação ausente.

Quadro 10. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Lepidoptera (borboletas e mariposas).

Nº	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa		
1	<i>dzawikaro</i> ¹ (Baniwa)/ <i>yawikaro</i> ou <i>yawe-yawe</i> (Coripaco)	Borboleta-azul	<i>Morpho</i> sp.	Se pousar na roupa pode provocar coceira.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Maokukapé</i> (não ferram)/ <i>Awakadalikaperi</i> (<i>Yoopinai</i> , seres maléficos que andam no mató)		
2	<i>makálo</i> ¹ / <i>makaru</i> ²	Borboleta	Lepidoptera em geral	São diurnos. Podem possuir várias cores e são encontrados na roça ou em área de campinarana.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Maokukapé</i> (não ferram)/ <i>Awakadalikaperi</i> (<i>Yoopinai</i> , seres maléficos que andam no mató)		
3	* <i>makálo éedzawalikate</i>	Borboleta-do-mato	-	Encontradas em área de terra firme.			
4	* <i>makálo tarawadalóphé</i>	Borboleta	-	Um tipo de borboleta de asa grossa.			
5	* <i>makálo hipoléte</i>			Borboleta verde.			
6	* <i>makálo ewáite/ ewapali-phé</i>			Borboleta amarela.			
7	<i>tháara</i> ¹ / <i>tharra</i> ²	Mariposa	<i>Manduca vestalis</i> Jordan, 1917	Voa à noite e é atraído pela luz.			
8	* <i>tháara kedzoadali</i>		-	Um tipo de mariposa.			
9	* <i>tháara itápalí</i>		-	Mariposa preta.			
10	<i>áakooro</i> ¹	Lagarta	-	Encontrado em áreas de campinarana e igapó. Come folhas de mandioca.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Yokukapé</i> (ferram)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)		
11	* <i>áakooro kadanakai</i>			Lagarta colorida de listras amarelas encontrada sobre as folhas de banana pacovã.			
12	* <i>áakooro kewikai</i>			Lagarta preta com espinhos que ataca mais quando a bananeira está filhote ainda, mas também pode atacar qualquer tipo de mandioca.			
13	* <i>áakooro poolekai</i>			Encontrado debaixo da folha de bananeira pacovã ainda verde, deixa a folha amarela e se alimenta dentro do colmo e da folha.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)		
14	* <i>áakooro dookoolixeni</i>			Encontrado na folha de cubiu e de ambaúba, deixa as folhas amareladas.			
15	* <i>yóorokinikinakoopé</i>			Tapuru de mandioca	Quando encontramos alguns na roça significa que vai dá mandioca boa.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Yoopinai</i> (podem causar doenças)	
16	* <i>áakooroonirikupere</i>			-	Não tem pata, pode ser marrom ou branco, pequeno, médio ou grande.		
17	<i>aatáka</i> ¹			Nymphalidae	Vive no pé de mandioca na roça e pode chegar a matar filhote de mandioca. Come folhas de mandioca, depois cai e se deposita no chão. Pode ser de várias cores (verde, marrom, preto).	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)	
18	* <i>kiniki-iixeni</i>			-	Tapuru da roça.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Maokukapé</i> (não ferram)	
19	<i>dzéeka-iixeni</i> ¹			-	Um tipo de lagarta que pode viver em árvore de seringa (<i>Hevea</i> sp.).		
20	<i>dzóana-iixeni</i> ¹ / <i>dzoanáxe-ni</i> ¹			-	Alimenta-se de folha de um arbusto (<i>dzóana</i>) que cresce na beira dos igarapés.		
21	<i>eedáikoro</i> ¹			-	Possui pêlos urticantes.		<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Yokukapé</i> (ferram)
22	<i>hipolékoro</i> ¹			-	Possui pêlos urticantes.		
23	* <i>tohiáakooro</i>			-	Um tipo de <i>áakooro</i> .		<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)
24	<i>kadaápalí</i> ¹			-	Certo tipo de lagarta comestível que vive no tururi. Fica no tronco da árvore de <i>kóodama</i> (tururi, <i>Sterculia</i> sp.). Comem as folhas novas dessa árvore e vivem em grupos.		<i>Paihanipé</i> (comestível)
25	<i>matípero</i> ¹			Noctuidae	Vive nos buritizeiros e em outras palmeiras: açai e pataúá. Também pode fazer casa na folha de arumã. Moram em grupos na folha do açai, constroem uma casa branca e redonda. Comem folhas de palmeiras e ficam embrulhados nas folhas.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Maokukapé</i> (não ferram)	
26	<i>meetshákoró</i> ¹	-	Alimentam-se das folhas de um certo tipo de cipó.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)			
27	<i>tokotokó-xeni</i> ¹	<i>Pseudosphinx tetrio</i> Linn., 1771	Um tipo de lagarta listrada e urticante que pode ser encontrada na roça. Ela faz "bom dia" pra gente.				
28	* <i>attíne áakooro</i>	-	Um tipo de lagarta.				
29	<i>póottaro</i> ¹	Lagarta-de-fogo	Megalopygidae	Um tipo de lagarta listrada urticante encontrada em área de campinarana e na roça.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Yokukapé</i> (ferram)/ <i>Kinikipira</i> (pragas de roça)		
30	* <i>póottaro uamóoda</i>	Lagarta-preguiça		É marrom e vive como a preguiça, pendurada no galho de abiuzeiro e de outras frutíferas na roça.			
31	* <i>póottaro halédale</i>	Lagarta-de-Fogo-branca		Fica no abiuzeiro, açazeiro, ingazeiro.			
32	* <i>póottaro ewádali</i>	Lagarta-de-Fogo-amarela		Come folhas de açai e de mandioca.			
33	* <i>ĩnaimiyawitsiápo/ iñaimidzawi</i>	Arco-do-diabo	<i>Scopula</i> sp.	Um tipo de lagarta.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)		
34	* <i>kudamaixeni</i>	-	-	Vivem de grupo na árvore de sorva, depois se transforma em peixe (<i>manápi</i> ou <i>itsitsi</i>).			
35	* <i>dzáko</i>	-	-	Um tipo de lagarta.	<i>Paihanipé</i> (comestível)/ <i>Paitseli-taxwpakophé</i> (isca p/ pescar)		
36	* <i>danaphé</i>	-	<i>Euselasia</i> sp.	Um tipo de lagarta que vive na folha do maracujá azedo.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)		

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001); ²Grafia encontrada em Taylor et al. (1993); - Informação ausente.

Duas lagartas foram classificadas como comestíveis (*dzáko* e *kadaápati*) entre os Baniwa, porém este não é o primeiro relato de lagartas comestíveis. Dufour (1987) registrou a coleta e o consumo de duas espécies de lagartas coloniais entre os povos Tukano.

Os Baniwa também têm conhecimento sobre uma parte do ciclo de vida dos Lepidoptera: *áakoro ipadámaka makálowa*, a lagarta se transforma em borboleta (Ramirez, 2001). Na língua Baniwa, *Padáma (kawa)* é o verbo que significa transformar-se, metamorfosear-se.

Sobre os Lepidoptera, temos muito mais hipóteses que dados a serem confirmados pela ciência. Alguns conhecimentos registrados no Quadro 9 são informações não registradas na literatura: *Euselasia* sp. (Riodinidae) vive na folha do maracujá azedo; lagartas de Megalopygidae são pragas de abiuzeiro, açazeiro, ingazeiro e mandioca; lagartas de Nymphalidae são pragas da mandioca.

• DIPTERA

Os Diptera são apreendidos linguisticamente como masculino e achatado pelo classificador numérico *-iita* (*dzáwaaro, héeri, hema-hérini, máapiiri, ttóotooni*), alongado pelo classificador *-áapa* (*ainiidzo, dzáwaaro, héeri, hema-hérini, koóri, waa-péewi*) e arredondado pelo classificador *-da* (*aapidza-mápire, doólo, dóota, iitsi-mápire, kérheni, poopó, porówa, toonóda*). Informações sobre esses insetos estão no Quadro 11.

Sobre estes Insecta temos as seguintes hipóteses a serem confirmadas pela entomologia: Simuliidae vive com as queixadas (*Tayassu pecari* Link, 1975); larvas de Diptera no cilindro de arumã (*Ischnosiphon polyphyllus* Poepp. & Endl.); larvas de *M. domestica*, Calliphoridae, Sciaridae encontradas por todo o corpo de cutia (*Dasyprocta aguti* L., 1766).

Em Tunuí-cachoeira há um fragmento rochoso de cor laranja-avermelhado denominado pelos Baniwa de *Máapiiri-numáwa*. É um lugar sagrado, considerado pelos mais velhos como o local onde os *máapiiri* (Simuliidae) levavam todo o sangue que chupavam (Graciliano e esposa, comunicação pessoal). Entomologicamente, isto faria certa lógica se pensarmos que são as fêmeas que sugam o sangue para poder garantir a maturação de seus ovos; em seguida, partem para os fragmentos rochosos e encachoeirados para realizar a ovoposição.

• HABITAT DE ALGUNS INSECTA E OS TIPOS DE VEGETAÇÃO SEGUNDO A PERCEPÇÃO BANIWA

Os Baniwa reconhecem exatamente o local de ocorrência dos insetos, em qual tipo de vegetação podem ser encontrados (Quadro 12). Os tipos de vegetação são descritos no Quadro 13.

Na terra-firme, por exemplo, temos um tipo de vegetação conhecida pelos Baniwa como *Awíñalima*, uma vegetação localizada sobre terra amarela argilosa, rica em *Awíña* (uacú), uma árvore frutífera de grande porte da família das leguminosas (*Monopteryx uacu* Spruce). Neste tipo de vegetação foi relatada a presença de três tipos de insetos: *mánee* (tocandira que constrói ninho de barro), *áakaali* (taoca, um tipo de formiga de correição) e *iiwipira* (um tipo de vespa).

Em campinarana, um dos tipos de vegetação mais conhecido é a *Waapalima*, única vegetação de campinarana que permite o cultivo de mandioca. Nela podemos encontrar três tipos de insetos: *keéttonai* (maniuara), *maáki* (outro tipo de maniuara) e *iiwipira* (uma caba).

No igapó, uma das vegetações mais conhecidas é a *Ma-inirima*, que possui predominância de árvores que liberam breu. Neste tipo de vegetação foi relatado que ocorrem *áakoro* (lagarta) e *poléta* (barata).

Conclusão

Para os Baniwa da cidade de São Gabriel, os insetos são utilizados para diferentes finalidades: fonte alternativa de proteínas, iscas de pesca, remédios naturais e também são mencionados em benzimentos, crenças e brincadeiras. Tais conhecimentos sobre os insetos são importantes para nortear a vida Baniwa, como poder orientar-se em relação às horas do dia, identificar épocas da piracema, evitar acidentes com vespas e formigas, obter fonte de proteína, remédios naturais, iscas de pesca, auxílio para as atividades de caça e até criar brinquedos e brincadeiras. Este conjunto completo de saberes e técnicas são ensinados pelos pais às crianças.

Muito do conhecimento entomológico Baniwa encontra correspondência ao da ciência entomológica (morfologia externa, ocorrência de insetos em determinados tipos de vegetação e taxonomia). Já a classificação entomológica Baniwa parece estar mais baseada em termos utilitários (ex.: *Paihani-pé*, comestíveis, e *Kinikipira*, pragas de roça), crenças (*Awakaróna* (espírito da floresta/curupira)) e nas famosas classes de doenças baniwas (ex.: *Kawalerikaperi*, um *Yoopinai* que anda no vento).

Contribuir para o ensino-aprendizagem das escolas Baniwa, fortalecimento cultural e melhoria na qualidade de vida dos povos Baniwa que vivem na cidade de São Gabriel da Cachoeira, configurou-se como propósito norteador desta pesquisa. Porém, este propósito somente tornar-se-á possível através do interesse, vontade e empenho das comunidades científica e Baniwa envolvidas nesta pesquisa, bem como do apoio de instituições parceiras e de financiamento à pesquisa (FAPs).

Agradecimentos

Ao INPA pelos recursos humanos e de infraestrutura que possibilitaram a realização deste projeto de pesquisa. À CAPES pela bolsa de pesquisa. Aos projetos Fronteiras e PRONEX-CNPq-FAPEAM através de financiamentos provenientes do CNPq, FINEP e FAPEAM. Às Dras. Elizabeth Gusmão, Lúcia Yuyama e Ruth Keppler pelo apoio, incentivo e valiosas orientações que concederam a esta pesquisa. Às comunidades Areal, Itacoatiara-Mirim e Vila Amazonino pelo apoio e interesse na pesquisa. Ao apoio inicial do DSEI (Francivalda e Kiko), da Prefeitura de SGC (André Fernando Baniwa), Comando da 2ª. Brigada de Infantaria de Selva/2009 e do IFAM - Campus São Gabriel da Cachoeira.

Quadro 11. Conhecimento entomológico Baniwa (CEB) sobre Diptera (moscas e mosquitos).

Nº	Nome Baniwa	Nome português	Nome científico	Dados etnoentomológicos	Classificação Baniwa
NEMATOCERA					
1	<i>ainiidzo</i> ¹	Carapanã	Chironomidae, Tipulidae, Limoniidae, Culicidae	Encontrado em área de terra firme, campinarana e igapó.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Irakapé</i> (picam e chupam sangue)/ <i>Yoopinai</i> (podem causar doença)
2	<i>máapiiri</i> ¹	Borrachudo/ pium	Simuliidae	Inseto hematófago encontrado em área de terra firme.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Inhuákapé</i> (mordem)/ <i>Yoopinai</i> (podem causar doença)
3	<i>*máapiiri-itapalíphe</i>			Encontrado em área de terra firme.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Inhuákapé</i> (mordem)
5	<i>toonóda</i> ¹			Um tipo de pium silvestre que aparece em tempo nublado. Encontrado em área de terra firme e campinarana.	
6	<i>apáda iitsi</i> ¹ / <i>iitsi-máapiiri</i> ¹ / <i>máapiiri-iitsi</i> ¹			Pium grande e vermelho/ amarelo que voa de dia, encontrado na terra firme.	
7	<i>aapidza- máapiiri</i> ¹			Pium que vive com as queixadas.	
8	<i>porówa</i> ¹	Mosquito	-	Um tipo de mosca minúscula.	<i>Iarakapé</i> (voam)
9	<i>*harekápili</i>		Culicidae	É um <i>ainiidzo</i> que tem as mãos brancas.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Irakapé</i> (picam e chupam sangue)
10	<i>ttóotooni</i> ¹	Maruim	Ceratopogonidae	Inseto hematófago de hábitos crepusculares.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Irakapé</i> (picam e chupam sangue)
11	<i>kérheni</i> ¹			Um tipo de maruim noturno.	
BRACHYCERA					
12	<i>doólo</i> ¹ / <i>duuru</i> ²	Mosca doméstica	<i>Musca domestica</i> L. Calliphoridae/ Sciaridae	Mosca brejeira. Os tapurus podem ser encontrados em todo o corpo da cutia. <i>Dolóewhe</i> - ovo de mosca e <i>dólheni</i> - larva de mosca.	<i>Yoopinai</i> (podem causar doença)
13	<i>*dzapoláda</i>	-	Calliphoridae/ Sciaridae	É um <i>doólo</i> grandão que se alimenta de frutas doces.	<i>Iarakapé</i> (voam)
14	<i>*dáapa-dólonai</i>	-	-	Serve como remédio pra caçar paca. Antes de caçar, o caçador pode torrar e comer ou esfregar nas mãos e passar na pele.	
15	<i>dóota</i> ¹			Um tipo de mosca verde. <i>Dootéewhe</i> - ovo de mosca verde.	
16	<i>*móoda</i>			Parente de <i>doólo</i> que serve como remédio.	
17	<i>póopo</i> ¹			Um tipo de mosca minúscula encontrada em área de campinarana.	
18	<i>puupu</i> ²	-	<i>M. domestica</i>	Mosca comum.	
19	<i>*kawadáro</i>	-	-	Um tipo de mosca encontrada em área de campinarana.	
20	<i>dzáwhero</i> ¹	-	Tabanidae	Um tipo de mutuca grande.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Irakapé</i> (picam e chupam sangue)
21	<i>héeni</i> ¹	Mutuca		Ele chupa sangue de pessoas e de animais. Vive próximo de igarapés de terra firme, campinarana e no igapó. <i>Héerieni</i> – seus filhotes.	<i>Iarakapé</i> (voam)/ <i>Irakapé</i> (picam e chupam sangue)
22	<i>*héeni-kóori</i>			Encontrado no igapó.	
23	<i>héma-hérini</i> ¹ / <i>herináali</i> ¹	Mutuca de anta		Um tipo de mutuca grande.	
24	<i>waapéewi</i> ¹	Flor de jebaru		Um tipo de mutuca pequena.	
LARVAS					
25	<i>wayáwa iixeni</i> ¹	Tapuru de goiaba	-	-	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)
26	<i>iixenitti</i> ¹	Tapuru	-	-	
27	<i>iixeni</i> ¹	Larva de mosca	Muscidae	Entram na pele de seres humanos, animais ou vegetais.	<i>Yoopinai</i> (podem causar doença)
28	<i>*hipadaixeni</i>	Larva de pedra	-	Vive nas pedras do rio.	-
29	<i>*kophé iixeni</i>	Larva de peixe	-	-	-
30	<i>itsirixeni</i> ¹	Tapuru de caça	-	Encontrado embaixo da pele de cotia.	<i>Hitsiakapé</i> (rastejam)/ <i>Yoopinai</i> (podem causar doença)
31	<i>*Poá Poá iixeni</i>	Tapuru do arumã	-	É branco e gordo. Prejudica o crescimento do arumã. Fica dentro do cilindro do arumã.	
32	<i>*dólheni</i>	Tapuru/ Bicheira	-	Transforma em <i>dóolo</i> , vive na pele de pessoas, animais de caça ou de criação.	

*Novos nomes encontrados através desta pesquisa (2009-2010); ¹Nome encontrado em Ramirez (2001); ²Explicação encontrada em Taylor *et al.* (1993); - Informação ausente.

Quadro 12. Insetos associados a diferentes tipos de vegetação de terra firme, campinarana e igapó durante a pesquisa “Entomologia Baniwa” (2009-2010).

Nº	Insetos associados à terra firme (Éedzawa)	Insetos associados à campinarana (Hamálian)	Insetos associados ao igapó (Alápe)
1	Awĩnalima: mánée, áakaali, iiwipira.	Anelima: thipira.	Doomátsi: pedaliamihitsiwi.
2	Dzáaporálíma: keétto, dáane, mánée.	Dzaawákálíma: tĩĩnawáire, mánée, kadáadali.	lalidalilíma: áini, phitsiĩnai.
3	Hamarápere: mánée, kadzawitakaápa, potsida.	Halapókoli: dóotero, dóowhero.	Ítewiríma: tsíali, mattípere, ainiidzo, héeri-kóori.
4	Heéñami: taapaliko, kettámaro, aalámoni, kanalière, kadzawitakaápa.	Halepéwida: áakaali.	Kodopilíma: atápa.
5	Ihipaiewadáli: mánée itáite, mánée keramáite, maká-lo, áini, áakaali, manéefai, piito, poléta.	Koliwaipalíma: kawadáro, mánée, áini, kadáadali, keétto, áakolonai, póottaro.	Mainiríma: áakooro, poléta.
6	Ihipairaidáli: dzóroo.	Maarolíma: héeri, ainiidzo, toonóda.	Pelipelidálíko/ Pelipetidálíko/ Periperilíma: áini, piithero, phitsiĩnai, halière, toonóda.
7	Ihipaitadáli: piitti, awarána, kaxalábini, piithero, kettámaro, yawáro, mánée, áakaali, ttowiapa.	Malatalíma: kettiwi.	Yáwalilíma: mattípere.
8	Itanalilíma: áakooro, áakaali.	Mapitakolíma: áakooro.	Outros insetos associados ao igapó: aalámoni, dóowhero, keráde, mapolhédawaro, mapiwa, kettole, thipira e dziro.
9	Káalihaledáli: dziro, nhápirikoli, hémaa imukawáni.	Maporottiríma: paimáda, kawípe, kóowhe.	
10	Kadapolíma: mánée, potsida, kadzawitakaápa.	Poramolíma: héeri, máapiiri.	
11	Kaidapé: ámali.	Taphiríma: dáane.	
12	Kóonolíma: mánée, kadzawitakaápa.	Tĩĩnalíma: thipira, makálo, toonóda, áakaali.	
13	1Makadalíphidálíhipai: héeri, toonóda, máapiiri-itsi, máapiiri itapalípe.	Waapalíma: keéttonai, maáki, iiwipira.	
14	Paumédali: tsietsiépaaro, wapakái.	Waitilíma: máapa haikolikupéri, kadáadali, keétto.	
15	Póoperilíma: dziro, mánée, halière, déeto, tsíodére.	Outros insetos associados à campinarana: potsida, dziro, iixídaa e máni.	
16	Tempá: dáane.		
17	Tsaimidáli: maáki.		
18	Tsitamédali: ámali itáite, ámali iráite, nhápirikuli, dáane, ainiidzo, héeri, dóolo.		
19	Ttoóphiiilíma: máne, dáane.		
20	Outros insetos associados à terra firme: iixídaa, dóowhero e mánée iráite.		

Obs.: As palavras em negrito seguidas de (:) referem-se aos tipos de vegetações reconhecidas pelos Baniwa e descritas no Quadro 11. Os nomes dos insetos podem ser encontrados nos quadros 1 - 10. ¹Lugar considerado como uma verdadeira “fábrica de mosquitos” (F4). Fonte: todos os participantes do presente estudo.

Quadro 13. Tipos de vegetações reconhecidas pelos Baniwa.

Nº	Terra firme (Éedzawa)	Campinarana (Hamálian?)	Igapó (Alápe)
1	Achirruparimã - situada sobre terra amarela, refere-se a uma grande árvore com fruto comestível, porém não muito apreciado ³ .	Ahiurimã - grande árvore com frutos não comestíveis ³ .	Adapenalíma - (F3, F1). Adápena - certo tipo de árvore do igapó com o qual se fabrica ralo ¹ .
2	Awĩnalíma - vegetação rica em variedades de madeira grossa, como o uacú (awĩña), uma frutífera (AF). Localizada sobre terra amarela argilosa ³ . Awĩña - árvore de grande porte da família das leguminosas <i>Monopteryx uacu</i> Spruce ¹ .	*Anelíma - vegetação de transição entre savana aberta e campinarana. Apresenta plantas herbáceas, líquens, orquídeas e bromélias epífitas. Árvore parecida com o caimbé do cerrado ³ .	Adarrokunalerimã - fornece madeira para fazer ralos ³ .
3	Dumaririmã - Umarizal. Umari do mato, encontrado sobre terra preta ou amarela ³ .	*Añhólíma - floresta de dossel fechado próxima a margem de rios e cabeceiras.	Domáatsi - (F1). Comati, certo tipo de arbusto ribeirinho cujo fruto preto é comestível ¹ .
4	Dzáaporalíma ou Yaporalíma - (I3, E2). Dzáapora - Japurá, certa árvore de grande porte da família das voquisiáceas (<i>Erisma 340nvira</i>), com as sementes da qual se prepara uma massa para temperar o peixe.	Dzaawákálíma - (F3, S1). Dzaawáka - certa árvore cuja casca serve para combater a diarreia e para sarar as feridas ¹ . Frutos comestíveis para macacos ³ .	Duiridaka - palmeira baixa com muito espinho e fruto não comestível ³ .
5	Heéñami - vegetação formada por capoeira de roças velhas, de mais de 3 anos de idade (A6). Roça velha, capoeira (roça abandonada) ¹ .	*Dzekalíma - floresta de dossel fechado próxima a margem de rios.	laririmã - árvore com envira branca cujos frutos alimentam peixes e pássaros ³ .
6	Idzipurimã - situada sobre terra amarela, nesta vegetação ocorre uma árvore que dá frutos pretos comestíveis parecidos com cucura ³ .	Halapókoli ou Uariarimãita - (F1). Certa formação de vegetação aberta com mato baixo e solo arenoso ¹ . É uma área em que ocorrem pequenas árvores, pequenos poços ou lagos formados pela água da chuva ³ .	Ítewida ou Iteuirimã - (J5, F3). Ítewi - fibra de buriti com a qual se fabrica rede; iitewipi - buritizeiro.
7	Ihipaiewadáli - vegetação sobre terra amarela (I1). Terra boa para o cultivo de pimenta, cará e cana (AF).	Hamarápere - vegetação abundante em jerbaru e jauacá (AF). Caatinga ¹ .	Ikulidumarerimã - fornece madeira para fazer remos ³ .
8	Ihipairaidáli - vegetação sobre terra vermelha (F2).	*Heridzorolíma - floresta de dossel fechado com pequenas poças d'água parada, líquens e musgo encontrado na base das árvores. A madeira fornecida por esse tipo de floresta é usada como caibro para construção de casas, ocorre às margens dos igarapés ³ .	Kadzalída - molongó, madeira muito leve para barcos e bóias de pesca ³ .
9	Ihipaitadáli - vegetação sobre terra preta (F1).	Ítewiríma - (F1). Ítewirhi - certo arbusto pequeno da capoeira.	Karápaati - (F1). Karápaa - certo tipo de comati, arbusto cujo fruto é comestível ¹ .
10	Itanalilíma - (P1, M3). Itána - louro-de-terra-firme, certa árvore	*Itsapolíma - sub-bosque denso, locais preferidos como	Ketepanerimã - muito parecida com o

Nº.	Terra firme (Édzawa)	Campinarana (Hamálian ²)	Igapó (Alápe)
	grande da família das lauráceas utilizada para fazer canoas ¹ e travessões ³ .	pólos de pesca.	abacaxi, comida de animais de casco ³ .
11	<i>Káalihálédali</i> ou <i>Ihipaihaledele</i> - vegetação sobre tabatingal/terra argilosa (A5, F2). <i>Káali</i> - barro branco usado para fazer a base dos fornos e para branquear casas e potes ¹ .	* <i>Koliwaipalima</i> – sub-bosque com bastante entrada de luz. <i>Koliwáipa</i> - certo tipo de bromeliácea da caatinga cujo fruto é comestível ¹ .	<i>Kodupirimã</i> - a mais alta árvore que ocorre no igapó, serve como abrigo para peixes no período da cheia, ideal para colocar anzóis ³ .
12	<i>Kaanerimã</i> - situada sobre terra amarela, fornece madeira leve usada para canoa e tábuas ³ .	<i>Kuiaperimã</i> - palmeira baixa com frutos comestíveis, a folha é usada para confecção de barracas ³ .	<i>Kumerimã</i> - árvore com frutos consumidos por peixes e pássaros ³ .
13	<i>Kadapolima</i> - vegetação onde se coleta caniço de pesca e que possui terra boa para o cultivo de mandioca (AF). Situada sobre terra amarela e preta ³ . <i>Kadaápo</i> - certo tipo de arbusto silvestre que serve para fazer caniços de pesca, chicotes rituais e para benzer ¹ .	* <i>Maarolima</i> – floresta de dossel fechado com a presença de <i>maaro</i> (<i>Pouteria</i> sp.) no sub-bosque. <i>Máaro</i> - marapari, certa árvore cuja madeira serve para construção de casa ¹ .	<i>Mainirima</i> - vegetação com predominância de árvores que liberam breu (P1, A9). <i>Máini</i> - breu, árvore que fornece o breu ¹ .
14	<i>Kaidapé</i> - vegetação sobre terreno arenoso misturado com terra firme (AF). <i>Káida</i> - areia, praia.	* <i>Maporotirima</i> – solos esgotados com espécies de floresta secundária, associados à pousios agrícolas em campinarana. Área utilizada para roças pequenas e de baixa produtividade ³ . <i>Maporótti</i> - umiri, certa árvore da família das humiriáceas (<i>Humiria floribunda</i>) ¹ .	<i>Manakherima</i> (N1) - açaiçal (Ramirez, 2001). Açai-do-igapó ³ .
15	<i>Kautiririmã</i> - Loiro, usado para canoa e tábuas. Vegetação situada sobre terra amarela ³ .	* <i>Ponamalima</i> – áreas úmidas ou alagadiças com a presença de frutíferas (<i>Ponama</i> – <i>Oenocarpus batahua</i>). Patuazal (Ramirez, 2001).	<i>Maporimã</i> - fornece madeira boa para tábuas ³ .
16	<i>Kerrerrimã</i> - Pau-brasil ³ .	* <i>Poramolima</i> - áreas úmidas ou alagadiças com a presença de <i>porámo</i> (<i>Euterpe caatinga</i>). <i>Porámo</i> - açai-da-caatinga (fruto de uma palmeira) ¹ .	<i>Marrakerimã</i> - possui árvores de frutos doces, consumidos por peixes e pacas ³ .
17	<i>Kóonolima</i> - (J1). <i>Kóonoli</i> - certa árvore silvestre cujos frutos venenosos são comestíveis após preparação ¹ .	* <i>Tiñalima</i> – caranazal, áreas alagadiças onde há presença da palmeira caraná ¹ , utilizada na cobertura das casas.	<i>Nerithi</i> - (F1). Olho-de-veado, certo tipo de cipó ribeirinho cujo fruto é comestível ¹ .
18	<i>Máinhitirimã</i> - sem utilização, fruto não comestível ³ .	* <i>Waalilima</i> – vegetação aberta tipo savana com áreas de bancos de areia expostos. <i>Wáalia</i> - certo tipo de umiri pequeno, árvore da família das humiriáceas ¹ .	<i>Pitiriurepapidarimã</i> - local de abrigo de peixes e cipó que ocorre às margens de igarapés e lagos, considerado remédio para diversas feridas ³ .
19	<i>Maipanaririmã</i> - situada sobre terra amarelada, apresenta árvore com frutos comestíveis ³ .	* <i>Waapalima</i> – única vegetação de campinarana que permite o cultivo de mandioca. <i>Waápa</i> - jebaru, certa árvore silvestre de grande porte cuja casca é usada com certas flautas sagradas ¹ .	<i>Yáwalilima</i> - (L1). <i>Yáwali</i> - jauari, certo tipo de palmeira espinhosa ¹ que fornece frutos e sementes comestíveis ³ .
20	<i>Maripunenirimã</i> - situada sobre terra preta ou amarela, apresenta palmeiras pequenas utilizadas para a cobertura de casas ³ .	* <i>Waaitilima</i> – sub-bosque de bromélias, orquídeas e cladônias. Formação muito aberta e seca, com árvores de tronco grosso e baixo, de frutos não comestíveis ³ .	<i>Uacherimã</i> - árvore que produz uma castanha comestível e possui uma madeira muito resistente ³ .
21	<i>Mokolirima</i> - (N1). Possui uma das melhores terras pretas, própria para o plantio de banana, batata, pimenta e milho ³ . <i>Móokoli</i> - madeira trançada, certo tipo de árvore da terra firme ¹ ; a paca come as sementes dos frutos desta árvore (não comestíveis) ³ .	<i>Zakoirimã</i> - fornece frutos comestíveis e madeira para canoa ³ .	<i>Ehidilima</i> - (M3).
22	<i>Molirima</i> - (S1, N1). <i>Móoli</i> - cedro, certa árvore da terra firme cuja madeira serve para fazer canoas ¹ . Situada sobre terra preta e amarela ³ .	<i>Halepéwida</i> - (J5).	<i>Ixedoni</i> - (F1).
23	<i>Paitsaletáka</i> - (J5). <i>Paitsani</i> - carapanaúba, certa árvore silvestre cuja madeira serve para fazer cabos ¹ .	<i>Malatalima</i> - (F2).	<i>Kettipanalidaliko</i> - (F2).
24	<i>Póoperilima</i> : bacabal (J1, P1, A3, N1). <i>Póoperi</i> - bacaba, fruto da palmeira <i>Oenocarpus</i> , com o qual se fazem bebidas.	<i>Mapitakolima</i> - (A3).	<i>Konenaluko</i> - (F1).
25	<i>Puparimã</i> - paxiúba, serve para fazer ripas ³ .	<i>Poletaonelima</i> - (J5).	<i>Palawalikom</i> - (J5).
26	<i>Ripoliirimã</i> - situada sobre terra amarelada, apresenta grande árvore com frutos não comestíveis ³ .		<i>Periperilima/Pelipelidálíko</i> - (S2, F2).
27	<i>Ritauarimã</i> - situada sobre terra preta e mais grossa, pode-se encontrar uma grande árvore com reentrância no tronco ³ .		<i>Tawadalima</i> - (M3).
28	<i>Taphirima</i> - vegetação formada de um tipo de palmeira parecida com o inajá (M4).		<i>Wadápe</i> - (J5).
29	<i>Tsitamédali</i> - vegetação sobre terra fértil e grossa (H1, G2). Terra argilosa, boa para o plantio de mandioca e banana (AF).		<i>Wirwirilima</i> - (M3).
30	<i>Ttoóphilima</i> - (S1, M3). Situada sobre terra preta ou amarela ³ . <i>Ttoóphii</i> - acariquara, árvore de madeira muito resistente, da família das olacáceas (<i>Minquartia</i>) ¹ , usada como esteio ³ .		<i>Yolináli</i> - (S1).
31	<i>Uadarimã</i> - situada sobre terra amarela, refere-se a uma árvore grande com frutos comestíveis ³ .		-
32	<i>Urukairimã</i> - a resina é usada para dores corporais, queimada ou em infusão ³ .		
33	Outros tipos de terra firme reconhecidos: <i>Hemádoa</i> - (S1), <i>Makadaliphidálhipai</i> - (F4), <i>Paomédali</i> - (F3), <i>Tekowiriliko</i> - (J5), <i>Temipã</i> - (S2), <i>Tsaimidáli</i> - (S2) e <i>Ypélíko</i> - (J5).		

Obs.: As siglas entre parênteses referem-se aos nomes dos participantes, que devem ser mantidos em sigilo pela ética deste tipo de pesquisa. O fato de a maioria das palavras terminar em *-lima*, se deve ao fato de este ser um sufixo nominal que marca o coletivo na língua Baniwa (Ramirez, 2001). *Abraão *et al.* (2008). ¹Ramirez (2001); ²Certo tipo de caatinga baixa (Ramirez, 2001); ³Fernando José, Paulino Alberto Joaquim e Pedro Gabriel da Silva em Cabalzar & Ricardo (2006); - Informação ausente.

Referências

- ABRAÃO, M.B., W. BRUCE, B.W. NELSON, J.C. BANIWA, D.W. YU & G.H. SHEPARD JR. 2008. Ethnobotanical ground-truthing: indigenous knowledge, floristic inventories and satellite imagery in the Upper Rio Negro, Brazil. *Journal of Biogeography*, **35**: 2237-2248.
- ALENCAR, J.B.R., E.F. SILVA, V.M. SANTOS, H.K.L. SOARES, R.F.P. LUCENA & C.H. BRITO 2012. Percepção e uso de “insetos” em duas comunidades rurais do semiárido do estado da Paraíba. *BioFar*, volume especial: 72-91.
- ASPÖCK, U., J.D. PLANT & H.L. NEMESCHKAL 2001. Cladistic analysis of Neuroptera and their systematic position within Neuropterida (Insecta: Holometabola: Neuropterida: Neuroptera). *Syst. Entomol.*, **26**: 73-86.
- BELAUNDE, L.E. 2006. A força dos pensamentos, o fedor do sangue. Hematologia e gênero na Amazônia. *Revista de Antropologia*, **49**: 205-243.
- BENTOS-PEREIRA, A. & A. LISTRE 2005. The Proscopiidae (Orthoptera, Eumastacoidea) family in Colombia. I. The genus *Apioscelis*. *Caldasia*, **27**: 277-286.
- BIANCHI, P.L.S. & F.A.S. LACERDA 2007. *Estudo das construções indígenas na cidade de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas*. Anais da III Semana de Ciência e Tecnologia da Escola Agrotécnica Federal de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, Brasil.
- BRANDHUBER, G. 1998. *Zivilisierte Indianer, Moderne Tradition. Rezent Migrationenprozesse am Oberen Rio Negro, Amazonien - Brasilien*. Dissertação, University of Vienna. 128 p. Disponível em: <http://homepage.univie.ac.at/gabriele.brandhuber/publ/DA_Brandhuber.pdf>. Acesso em 22 de fevereiro de 2011.
- CABALZAR, A. & C.A. RICARDO 2006. *Povos indígenas do Rio Negro: uma introdução à diversidade socioambiental do noroeste da Amazônia brasileira (mapa-livro)*. 3ª ed. São Paulo: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro - FOIRN & Instituto Socioambiental - ISA.
- CAMPBELL, W.B. & S. IBÁÑEZ-BERNAL 2006. Folia Entomológica Mexicana (1961 - 2005): Celebrating 44 years in Latin American scientific communications. *Folia Entomológica Mexicana*, **45**: 201-217.
- CASTNER, J.L. 2000. *Amazon insects. A Photo guide*. Gainesville: Feline Press.
- GRAY, A. 1995. O Impacto da Conservação da Biodiversidade sobre os Povos Indígenas. In: SILVA, A. L. & L.D.B. GRUPIONI (org.). *A Temática Indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º e 2º graus*. 1ª ed. Brasília: EC/MARI/UNESCO.
- CHERNELA, J.M. 1986a. Os cultivares de mandioca na área do Uaupés (Tukano). In: Ribeiro, B.G. (ed.). *Suma Etnológica Brasileira - Etnobiologia, Vol. 1*. Petrópolis: Ed. Vozes/FINEP.
- CHERNELA, J.M. 1986b. Pesca e hierarquização tribal no alto Uaupés. In: Ribeiro, B.G. (ed.). *Suma Etnológica Brasileira - Etnobiologia, Vol. 1*. Petrópolis: Ed. Vozes/ FINEP.
- CHERRY, R. 2006. Insects in the Choctaw emergence mythology. *American Entomologist*, **52**: 20-22.
- CORNELIO, J.M. et al. 1999. *Waferinaipe Ianheke: a sabedoria dos nossos antepassados (Histórias dos Hohodene e dos Walipere-Dakenai do rio Aiari)*. São Gabriel da Cachoeira: ACIRA/FOIRN, Rio Aiari. Coleção Narradores Indígenas do Rio Aiari.
- COSTA NETO, E.M. 1999. A etnocategoria “inseto” e a hipótese da ambivalência entomoprojetiva. *Acta Biol Leopoldensia*, **21**: 7-14.
- COSTA NETO, E.M. 2003. Insetos como fontes de alimentos para o homem: valoração de recursos considerados repugnantes. *Inter-ciência*, **28**: 136-140.
- COSTA NETO, E.M. 2004a. La etnoentomología de las avispa (Hymenoptera, Vespoidea) en el Poblado de Pedra Branca, estado de Bahia, nordeste de Brasil. *Boletín de La Sociedad Entomológica Aragonesa*, **34**: 247-262.
- COSTA NETO, E.M. 2004b. Fatos reais e lendários sobre a jequitirana-bóia. *Ciência Hoje*, **34**: 66-68.
- COSTA NETO, E.M. & H.F. MAGALHÃES 2007. The ethnocategory “insect” in the conception of the inhabitants of Tapera County, São Gonçalo dos Campos, Bahia, Brazil. *An. Acad. Bras. Cienc.*, **79**: 239-249.
- CÓRDOBA-AGUILAR, A. 1994. Adult survival and movement in males of the damselfly *Hetaerina cruentata* (Odonata: Calopterygidae). *Florida Entomologist*, **77**: 256-264.
- CÓRDOBA-AGUILAR, A. & A. CORDERO-RIVERA 2005. Evolution and ecology of Calopterygidae (Zygoptera: Odonata): status of knowledge and research perspectives. *Neotropical Entomology*, **34**: 861-879.
- COUTURIER, G. 1992. Conocimiento y manejo de los insectos y plagas de los frutales de la Amazonia. *Folia Amazonica*, **4**: 29-37.
- CUNHA, M.C. 2009. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- DUFOUR, D.L. 1987. Insect as food: a case study from the Northwest Amazon. *American Anthropologist*, **89**: 383-397.
- ELLEN, R. 1998. Indigenous knowledge of the rainforest: perception, extraction and conservation. In: MALONEY, B. (ed.). *Destruction and development of the tropical rainforest*. Dordrecht: Kluwer.
- ELOY, L. 2005. *Entre ville et forêt: Le futur de l'agriculture amérindienne en question - Transformations agraires en périphérie de São Gabriel da Cachoeira, nord-ouest amazonien, Brésil*. Tese de doutorado, Université de Paris 3, Paris, França.
- EMPERAIRE, L. & L. ELOY 2008. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, série Ciências Humanas*, **3**: 195-211.
- FAUSTO, C. 2002. Banquete de gente: comensalidade e canibalismo na Amazônia. *Mana*, **8**: 2-44.
- FERNANDES, R.S. et al. 2009. *Criação de abelhas sem ferrão*. Manaus: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.
- FONSECA, A.R., N.M. SANCHES, M.C. FONSECA, D.M. QUINTILHIANO & E.S. SILVA 2004. Levantamento de espécies de Odonata associadas à tanques de piscicultura e efeito de *Bacillus thuringiensis* var. israelensis sobre ninfas de *Pantala flavescens* (Fabricius, 1798) (Odonata: Libellulidae). *Acta Scientiarum Biological Sciences*, **26**: 25-29.
- FOWLER, H.G. 1987. Subterranean predators of *Diplorhoptum* spp. ants (Hymenoptera: Formicidae): Mole crickets (Orthoptera: Gryllotalpidae: Scapteriscus). *Insectes Sociaux*, **34**: 69-71.
- GARCIA, P.C., D.E. TALLAFERRO & E.O. SUTIL 1974. *Principios generales de Entomologia*. Caracas: Fundacion Venezolana para la Salud y la Educacion.
- GARCIA, L. 2006. *Como criar as abelhas indígenas sem ferrão*. São Gabriel da Cachoeira: Escola Indígena Baniwa e Coripaco.
- GARNELO, L. G. 2003. *Poder, hierarquia e reciprocidade: saúde e harmonia entre os Baniwa do Alto Rio Negro*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz.
- GARNELO, L. 2007. Cosmologia, ambiente e saúde: mitos e ritos alimentares Baniwa. *História, Ciências, Saúde*, **14**: 191-212.
- GARNELO, L. et al. (org.). 2005. *Cultura, Escola, Tradição: Mitoteca na escola Baniwa*. Projeto Rede Autônoma de Saúde Indígena RASI/UFAM. São Gabriel da Cachoeira: Escola Indígena Baniwa e Coripaco.
- GARNELO, L. & D. BUCHILLET 2006. Taxonomias das doenças entre os índios Baniwa (Arawak) e Desana (Tukano Oriental) do Alto Rio Negro (Brasil). *Horizontes Antropológicos*, **26**: 231-260.
- GARRISON, R. W., N. VON ELLENRIEDER & J.A. LOUTON 2010. *Damselfly genera of the New World. An illustrated and annotated key to the Zygoptera*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- GILLOTT, C. 2005. *Entomology*. 3a. ed. Netherlands: Springer.

- GOODMAN, S. 2009. *Fandex Family Field guides*. New York: Workman Publishing Company.
- GRANADILLO, T. 2006. *An ethnographic account of language documentation among the Kurripako of Venezuela*. Tese de doutorado. Universidade do Arizona, E.U.A.
- GRAY, A. 1995. O impacto da conservação da biodiversidade sobre os povos indígenas. In: SILVA, A. L. & L.D.B. GRUPIONI (Org.). *A Temática Indígena na escola. Novos subsídios para professores de 1º. e 2º. graus*. 1ª. ed. Brasília: MEC/MARI/UNESCO.
- GULLAN, P.J. & P.S. CRANSTON. 2005. *The insects. An outline of Entomology*. 3a. Ed. Londres: Blackwell Publishing.
- HAMADA, N. & P. ADLER 1998. A new species of *Simulium* (Diptera: Simuliidae) from open areas in Central Amazonia, Brazil. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, **93**(3): 317-325.
- HAMADA, N. 2000. *Simulium (Psaroniocompsa) tergo-spinosum* new species (Diptera: Simuliidae) in Sioli group from the southern part of the state of Amazonas, Brazil. *Mem. Inst. Oswaldo Cruz*, **95**(6): 819-828.
- HAMADA, N. & P. ADLER 2001. Bionomia e chave para imaturos e adultos de *Simulium* (Diptera: Simuliidae) na Amazônia Central, Brasil. *Acta Amazonica*, **31**(1): 109-132.
- IBDS, DSEI/FOIRN, 2005. In: Lei Municipal nº. 209, 21/11/2006. 2007. *São Gabriel da Cachoeira, Amazonas: Plano Diretor do município*. São Gabriel da Cachoeira: ISA, Instituto Polis & Prefeitura municipal.
- INGOLD, T. 1999. Humanidade e Animalidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, **28**: 39-53.
- LACERDA, F.A.S. 2008. *Abordagem etnobotânica em uma comunidade indígena periurbana de São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, Amazonas*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Manaus.
- LENCIONI, F.A.A. 2005. *Damselflies of Brazil. An illustrated identification guide I - The non-Coenagrionidae families*. 1ª. ed. São Paulo: All Print.
- LORES, M.G. 2006. *Origem dos Povos Baniwa e Coripaco*. São Gabriel da Cachoeira: Escola indígena municipal Baniwa e Coripaco - Pamáali. Comunidade Aracu Cachoeira, Médio Içana.
- MOTTA, C.S. 1996. *Noções gerais sobre insetos: borboletas e mariposas (Lepidoptera)*. Manaus: INPA.
- MUGNAI, R., J.L. NESSIMIAN & D.F. BAPTISTA 2010. *Manual de identificação de Macroinvertebrados aquáticos do estado do Rio de Janeiro*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Technical Books.
- NEVES, D.P., A.L. MELO, P.M. LINARD & R.W.A. VITOR 2005. *Parasitologia Humana*. 11ª. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu.
- PERUQUETTI, R.C. & M.A. DEL LAMA 2003. Notas sobre a socialidade e a biologia de nidificação de *Trypoxylon (Trypoxylon) a-suncicola* Strand, 1910 (Hymenoptera, Sphecidae). *Revista Brasileira de Entomologia*, **47**(2): 297-301.
- POSEY, D.A. 1979. *Ethnoentomology of the Gorotire Kayapó of Central Brazil*. Tese de doutorado, Universidade da Georgia, Athens, Georgia, E.U.A.
- POSEY, D.A. 1981. Wasps, warriors and fearless men: ethnoentomology of the Kayapó indians of central Brazil. *J. Ethnobiol.*, **1**(1): 165-174.
- POSEY, D.A. 1983. Keeping of stingless bees by the Kayapó Indians of Brazil. *J. Ethnobiol.*, **3**(1): 63-73.
- POSEY, D.A. 1984. Hierarchy and utility in a folk biological taxonomic system: patterns in classification of arthropods by the Kayapó Indians of Brazil. *J. Ethnobiol.* **4**(2): 123-139.
- POSEY, D.A. 1987. Etnobiologia, teoria e prática. In: RIBEIRO, D. (ed). *Suma Etnológica Brasileira. Vol. 1. Etnobiologia*. Petrópolis: Vozes/Finep. p.15-25.
- RAMIREZ, H. 2001. *Dicionário da língua Baniwa*. Manaus: EDUA.
- REINERT, J.A. 1983. Foraging sites of the southern mole cricket, *Scapteriscus acletus* (Orthoptera: Gryllotalpidae). *Proc. Fla. State Hort. Soc.* **96**: 149-151.
- RODRIGUES, A.D. 2005. Evidências linguísticas da antiguidade do piolho e de outros parasitas do homem na Amazônia. *Revista de Estudos e Pesquisas*, **2**: 89-97.
- SALLES, F.F. 2006. *A Ordem Ephemeroptera no Brasil (Insecta): Taxonomia e Diversidade*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Viçosa - UFV, Viçosa.
- SILVA, L.L. & Y.S. COSTA 2007. *Projeto: danças Baniwa do Rio Aiari: narração e demonstração de Mario Joaquim da Silva*. São Gabriel da Cachoeira: Comunidade Itacoatiara-Mirim: Povo indígena Baniwa Hohodene/ Rio Aiari.
- TAYLOR, G. et al. 1993. *Breve léxico da língua baniwa do Içana*. Paris: Document du Travail, URA 1026 du C.N.R.S., Ethnolinguistique amerindienne.
- TEIXEIRA, D.M., N. PAPAVERO & M.A. MONNÉ 2008. Insetos em presépios e as “formigas vestidas” de Jules Martin (1832-1906): uma curiosa manufatura paulistana do final do século XIX. *Anais do Museu Paulista*, **16**: 105-127.
- THOMAZINI, M.J. 2004. Ocorrência de *Herminodes* sp. (Lepidoptera: Noctuidae) em pupunheira nos estados do Acre e Rondônia, Brasil. *Acta Amazonica*, **34**(3): 505-506.
- TRIPLEHORN, C.A. & N.F. JOHNSON 2005. *Borrer and Delong's Introduction to the study of insects*. 7a. ed. New York: Thomson Brooks/Cole.
- VASCONCELOS, H. L. 1988. Distribution of *Atta* (Hymenoptera - Formicidae) in “Terra-firme” rainforest of Central Amazonia: density, species composition and preliminary results on effects of forest fragmentation. *Acta Amazonica*, **18**(3-4): 309-315.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 1996. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, **2**(2): 115-144.
- VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosacnaify.
- WRIGHT, R.M. 1996. Os Guardiões do Cosmos: pajés e profetas entre os Baniwa. In: LANGDON, E.J. (org.). *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Ed. UFSC. p. 75-115.